

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE JORNALISMO

ISABELA RODRIGUES DA SILVEIRA

**JORNALISMO ESPORTIVO NA “ERA DO PODCAST”: Análise da informação
esportiva em três canais de podcast**

UBERLÂNDIA - MG

2018

ISABELA RODRIGUES DA SILVEIRA

**JORNALISMO ESPORTIVO NA “ERA DO PODCAST”: Análise da informação
esportiva em três canais de podcast**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo. Orientação: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne.

ISABELA RODRIGUES DA SILVEIRA

**JORNALISMO ESPORTIVO NA “ERA DO PODCAST”: Análise da informação
esportiva em três canais de podcast**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo. Orientação: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne – FAGED/UFU

Orientador

Prof^ª Dr^ª. Mirna Tonus

Examinadora

Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venâncio

Examinador

Uberlândia, 10 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que durante toda a minha vida colocou luz em meu caminho para que eu não caísse na tentação de desistir. Minha gratidão incondicional também a Ele pela proteção diária.

Em segundo lugar agradeço a minha família, principalmente meus pais Álvaro e Adelina, que estiveram comigo durante toda a minha caminhada, mesmo que olhando de longe. A eles devo tudo o que tenho e sou, tendo pela consciência da importância que exercem em minha vida. Minha mãe me ensinou a desenvolver o gosto pela leitura e teve papel decisivo na decisão em seguir a carreira de jornalista. Meu pai, incansável amante de futebol, despertou em minha uma paixão descontrolada por esportes, sendo parte determinante na escolha do objeto de estudo apresentado por essa monografia. Não posso deixar de agradecer ao meu irmão, ao qual tenho uma admiração profunda desde criancinha. Foi ele quem me incentivou a torcer pelo meu clube de coração e, juntos, passamos momentos por esportivos memoráveis.

Aos meus amigos, de infância ou conquistados durante a graduação, não poderia deixar de gratificar. Eu não seria metade do que sou hoje se não fosse por eles, que estiveram comigo nos bons e nos maus momentos, me incentivando sempre a crescer.

Um agradecimento especial a todos os professores que me ampararam durante meu período aqui na UFU, em especial meu orientador Vinícius Dorne, pela confiança, perseverança e paciência, mesmo quando eu não consegui oferecer o melhor de mim.

A todos o meu sincero obrigada!

SILVEIRA, Isabela Rodrigues da. **Jornalismo esportivo na “era do podcast”**: análise da informação esportiva em três canais de podcast. 2018. 75 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

RESUMO

Este trabalho busca discutir como se dão os processos de construção do jornalismo esportivo em uma das modalidades do rádio expandido, o *podcasting*. Para tanto, realizou-se um levantamento que envolve as questões técnicas do rádio no âmbito da convergência midiática, apresentando o contexto no qual os objetos a serem analisados estão inseridos. Exibimos também um repertório teórico sobre as características do jornalismo especializado em esportes e a sua relação histórica com o radiojornalismo, bagagem importante para a mensuração dos resultados. A partir destes estudos, a pesquisa descreve e analisa, por meio do método da análise de conteúdo, dois exemplares de três canais diferentes de podcast, “Dibradoras”, “Na Trilha” e “Pelada na Net”, com o objetivo de verificar como as características da essência jornalística enumeradas podem ser observadas nesse novo modelo de radiofonia. As conclusões revelam podcasts construídos de forma extremamente plural e diversificada, tendendo ora ao factual ora ao entretenimento, mas atendendo pelo menos duas características básicas do gênero informativo.

Palavras-chave: jornalismo esportivo; podcast; rádio expandido.

SILVEIRA, Isabela Rodrigues da. **Jornalismo esportivo na “era do podcast”**: análise da informação esportiva em três canais de podcast. 2018. 75 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

ABSTRACT

The present work has the main intention to discuss how the processes of construction of sports journalism are given in one of the modalities of the expanded radio, the podcasting. For that, data involving technical matters of the radio in the scope of the media convergence were collected, presenting the context in which the objects to be analyzed are inserted. We also present a theoretical repertoire on the characteristics of journalism specialized in sports and its historical relation with radiojournalism, an important area for the measurement of results. Based on these studies, the research describes and analyzes, using the content analysis method, two copies of three different podcast channels, "Dibradoras", "Na Trilha" and "Pelada na Net", in order to verify how the characteristics of the journalistic essence can be observed on this new radiophonic model. The conclusions reveal podcasts created in an extremely plural and diversified way, presenting from facts to entertainment, but attending at least two basic characteristics of the informative genre.

Keywords: sports journalism; podcast; expanded radio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 (RE)CONFIGURAÇÃO DOS MEIOS EM TEMPOS DE INTERNET.....	12
2.1 O rádio em um cenário de convergência.....	13
2.1 <i>Podcasting</i>	16
2.2 O podcast e a audiência segmentada.....	19
3 JORNALISMO ESPECIALIZADO EM ESPORTES.....	21
3.1 Breve histórico do jornalismo esportivo no Brasil.....	25
3.2 Radiojornalismo e esporte.....	27
4 PERCURSO METODOLOGICO.....	32
4.1 <i>Corpus</i> da pesquisa.....	33
4.2 Análise de Conteúdo.....	34
5 ANÁLISE.....	40
5.1 Descrição do material e ocorrência das categorias.....	40
5.1.1 Dibradoras.....	40
5.1.1.1 Edição #119 – Dez anos do ouro olímpico.....	41
5.1.1.2 Edição #117 – Alline Calandrini.....	44
5.1.2 Na Trilha.....	47
5.1.2.1 Edição #42 – Primeiros Socorros.....	49
5.1.2.2 Edição #48 – Dicas de Nutrição Esportiva.....	51
5.1.3 Pelada na Net.....	54
5.1.3.1 Edição #337 – O Cheirinho Está De Volta.....	56
5.1.3.2 Edição #339 – Valeu, Árbitro de Vidro.....	59
5.2 Resultados.....	63

6 CONSIDERAÇÕES.....	65
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS.....	72

1 INTRODUÇÃO

O rádio, ao longo de sua história no Brasil, passou por momentos de grandes transformações. Algumas dessas mudanças foram determinadas por questões políticas, econômicas, mercadológicas e sociais, mas também pela necessidade de adaptação desse meio às inovações tecnológicas que surgem a todo momento. Assim como teve de se adequar à chegada da televisão na década de 1950, o meio tem procurado se ajustar ao iminente processo de convergência das mídias, resultante da inserção destas no ambiente da Internet e dos dispositivos móveis. A potencialização tecnologias mencionadas e a possibilidade de migração dos conteúdos radiofônicos para o meio digital modificaram a produção e a difusão dos conteúdos sonoros.

No livro “Jornalismo de Rádio”, da Editora Contexto, o jornalista da Rádio CBN, Milton Jung (2004), diz que é impossível estudar rádio no Brasil sem perpassar pela questão do esporte como regulador de audiência, principalmente o futebol, que se desenvolveu concomitante a popularização do meio de comunicação em questão. De acordo com o autor, o rádio foi a mídia que mais explorou a emoção esportiva ao longo dos anos.

Refletindo sobre o que disse Jung (2004) percebo que o rádio chama muito a minha atenção desde muito nova, justamente por influência do esporte e pela minha relação com meu pai. Quando criança lembro dele com seu radinho de pilha na mão acompanhando as partidas da sua paixão, o clube Atlético Mineiro. Mesmo depois de adquirirmos TV por assinatura meu pai não abria mão de acompanhar a narração também pelo rádio, porque ele dizia que a emoção era muito maior.

Quando cresci um pouco e comecei a acompanhar com maior frequência os jogos Palmeiras, o meu time de coração por influência do meu irmão, comecei a entender o que o meu pai dizia sobre a emoção do rádio. No ano de 2008 obtive a prova: ainda não tínhamos TV a cabo em casa e o único modo de acompanhar um jogo que não seria transmitido no sinal aberto era através de sites de notícias ou pelo rádio. Lembro perfeitamente de um jogo pela Copa Libertadores daquele ano em que o Cleiton Xavier, meio campista alviverde, fez um golão nos minutos finais da partida e eu, vibrando, me comovi com aquela narração radiofônica como se estivesse pulando com o jornalista no estádio.

Ouvir as transmissões dos jogos e programas de comentários transformou-se em hábito não só para a minha família, mas para milhares de brasileiros desde tempos remotos. Ainda nos

tempos atuais prática não foi abandonada e percebe-se que a manutenção dessa audiência encontrou campo também no chamado rádio produzido através da internet.

Ferraretto (2014) chama esse tipo de fazer radiofônico de rádio expandido e divide as produções nível tipo em três tipos de transmissões: o rádio na *web*, que envolve as tradicionais emissoras hertzianas transmitindo seu sinal pela rede; as *web rádios*, cuja programação é semelhante ao rádio convencional porém é preparado e veiculada exclusivamente na Internet, como citado anteriormente; e o *podcasting*, um fenômeno totalmente novo, surgido na década de 2000, que consiste na publicação de uma série de arquivos que podem ser baixados e chegam ao ouvinte por meio de “assinaturas”.

O terceiro encontra-se em profundo estágio de ascensão no país e desperta o interesse de pesquisadores da área de comunicação. Existem hoje diversos podcasts direcionados ao público fã de esportes e, pensando nisso, a presente pesquisa propõe analisar algumas dessas produções bem como verificar como o fenômeno do *podcasting* impactou em novas abordagens para a feitura do jornalismo especializado em esportes.

Na intenção de traçar um perfil do jornalismo esportivo do momento radiofônico em que vivemos, delimitou-se como objeto empírico três canais de podcast: “Dibradoras”, “Na Trilha” e “Pelada na Net”, que darão suporte para responder à questão central: “Como o jornalismo esportivo se configura na ‘era do podcast’¹?”. Objetivos específicos também foram traçados: a) abordar a importância do esporte na audiência do rádio ao longo de sua história no Brasil; b) analisar o impacto da convergência dos meios na cobertura esportiva; c) enumerar características necessárias para a construção da informação esportiva de qualidade; d) compreender as produções dos meios selecionados desde a criação da pauta até a publicação dos programas.

Para suprir os objetivos demandados por este trabalho, a metodologia adotada foi a análise de conteúdo, método capaz de sistematizar quantitativamente e comparar qualitativamente as variáveis analisadas. Tomando como base os pensamentos de Bardin (2011), o aparato metodológico possibilita observar a presença de princípios característicos de três frentes de análise estabelecidas por nós: elementos do jornalismo esportivos, critérios de noticiabilidade convencionados à toda e qualquer área do jornalismo e valores esperados de

¹ O termo, utilizado ao longo de todo o trabalho, designa o momento atual do rádio, em que a ferramenta de difusão de conteúdo podcast apresenta-se em ascensão.

uma informação jornalística de qualidade. A sistematização dessas frentes fornecerá subsídios para a realização de uma análise qualitativa observando os podcasts em questão.

Além da presente introdução, esta monografia encontra-se estruturada em outros quatro capítulos, sendo eles: (Re)configuração dos meios em tempos de internet; Jornalismo especializado em esportes; Percurso metodológico; Análise; Considerações.

No primeiro capítulo, “(Re)configuração dos meios em tempos de internet”, faz-se uma reflexão a partir das transmutações sofridas pelos meios de comunicação por intermédio das tecnologias digitais. Dentro da sessão existem outras três divisões que abordam especificamente o rádio e suas novas configurações dentro deste contexto. São elas: “O rádio em um cenário de convergência”, “*Podcasting*” e “O podcast e a audiência segmentada”.

O terceiro capítulo, “Jornalismo especializado em esportes”, fala sobre as noções básicas do jornalismo esportivo, que por essência não deixa de ser uma atividade jornalística, portanto precisa atender aos critérios convencionados pela profissão. Dentro desse também faz-se, em duas subdivisões, um breve histórico sobre o jornalismo esportivo no Brasil e a relação da área com o radiojornalismo.

Posteriormente, no capítulo quatro, apresentamos o percurso metodológico percorrido pelo trabalho. Discorremos, nessa parte, sobre a natureza da pesquisa, apresentamos o *corpus* e em seguidas explicamos a análise de conteúdo e como ela pode ser operacionalizada. Também neste capítulo foram estabelecidas as frentes de análise, que englobam qualidade da notícia, critérios de noticiabilidade e critérios específicos do jornalismo esportivo, como já mencionado anteriormente.

O capítulo cinco é destinado a análise em questão. Nessa parte o material empírico é descrito e organizado de acordo com os operadores de análise sistematizados. Aqui também são feitas inferências sobre o conteúdo e correlações entre as frentes de investigação, características importantes para a análise de conteúdo aconteça, na visão de Bardin (2011).

Por fim, nas Considerações, foram retomados os principais e resultados obtidos nesta pesquisa.

2 (RE)CONFIGURAÇÃO DO RÁDIO EM TEMPOS DE INTERNET

Do analógico ao digital, do rádio ao smartphone, da radiodifusão ao podcast. É notável que as formas de consumir e tratar a informação mudaram e hoje, de acordo Bianco (2004), muito se discute sobre a reconfiguração da produção do radiojornalismo condicionada pela adoção de tecnologias digitais.

Sem dúvida, as novas ferramentas digitais colaboram para reestruturar o exercício da profissão, a produção industrial da notícia, as relações entre as empresas de comunicação com as fontes, a audiência, os concorrentes, o governo e a sociedade. Trazem, portanto, implicações de ordem técnica, ética, jurídica e profissional para o jornalismo. (BIANCO, 2004, p. 1)

Já é de conhecimento popular que a informática trouxe possibilidades de agilidade e qualidade no processamento da construção da informação. Bianco (2004) ao citar alguns estudiosos como Wolton (1999) e Kunczik (2001) afirma que essas possibilidades facilitaram o trabalho do jornalista em rever, corrigir, alterar e atualizar textos. A autora diz acreditar que os pesquisadores mencionados duvidam que as tecnologias digitais tenham provocado modificações profundas na concepção de jornalismo a ponto de alterar valores consagrados pelo meio. Contudo, embora Bianco (2004) sinalize concordar que tais mudanças sejam abrangentes, ela teme essa tendência corrente em estudá-las como se fossem de caráter meramente operacional. Isso porque a pesquisadora crê que a essência da natureza da Internet, por exemplo, difere radicalmente de outras do passado, como a radiofonia. “Para o jornalismo, a adoção dessas tecnologias da informação sinaliza mudanças que não ficam apenas no nível da troca de roupa, sendo bem mais profundas do que muitos costumam analisar,” (BIANCO, 2004, p. 2).

Já Nair Prata (2009) defende que essas transmutações no campo do jornalismo não fizeram com que as mídias tradicionais desaparecessem no processo de digitalização. Na opinião dela as funções dos velhos meios estão na verdade sendo reconfiguradas com a ascensão das novas tecnologias. O resultado foi, então, uma alteração no modo como os consumimos.

Herschmann e Kischinhevsky (2008) acreditam que esse cenário está relacionado a uma estagnação da forma de produzir conteúdo pelos meios de comunicação. O podcast, por exemplo, que abordaremos de forma mais profunda posteriormente, possibilitou um novo nicho de produção e de consumo midiático, repensando o papel dos atores sociais no estabelecimento de formas inovadoras de mediação socioculturais. (HERSCHMANN; KISCHNHEVSKY, 2008).

É refletindo sobre esse contexto que o presente capítulo atua, abordando uma nova cultura da informação com relação ao paradigma radiofônico, possibilitada através de um fenômeno que Jenkins (2008) chama de convergência.

2.1 O rádio em um cenário de convergência

Afinal, o que é rádio? Ferraretto e Kischinhevsky (2010) dizem que esta pergunta soou óbvia até o advento da internet. Este é compreendido como um dos meios de comunicação de massa mais antigos do Brasil, tendo seus primeiros vestígios no país em 1922 pelas mãos de Roquette Pinto, segundo os estudos de Ferraretto (2014). Porém, com o constante surgimento de outras tecnologias, o rádio como conhecemos sempre foi colocado na berlinda, tendo sua morte decretada por inúmeras vezes.

“A história do rádio é marcada por dois momentos de intensos debates acerca da sua existência” (PRATA, 2009, p. 13). O primeiro, de acordo com a autora, vem com o advento da televisão, na década de 1950. Prata (2009) ressalta que o novo meio que nascia trazia além do som, uma novidade marcante para a época: a imagem em movimento. Acreditava-se, portanto, que o rádio, enquanto mídia, iria desaparecer. O segundo momento em que o fantasma da extinção volta a rondar aparece na década de 1990, ainda nas palavras de Prata (2009), com a ascensão dos computadores e, por consequência, a popularização da Internet. Será que esta viria a engolir o rádio? Era o que os estudiosos da radiodifusão se questionavam naquele momento. O fato é que o meio conseguiu lutar bravamente e tem dado indícios de sobrevivência.

Nessa tentativa da radiofonia em estar sempre se reinventando e buscando novas saídas para as dificuldades que vão surgindo ao longo dos seus quase 100 anos de existência, este meio de comunicação massivo não apenas buscou se adaptar às novas tecnologias como precisou desenvolver novas linguagens e potencialidades para atender seu público, cada vez mais diversificado.

O rádio é hoje, de acordo com Kischinhevsky e Modesto (2014), um meio de comunicação expandido, que extrapola as antigas transmissões em ondas hertzianas e transborda para a telefonia móvel, a TV por assinatura, a rede mundial de computadores, agregando audiência às mídias sociais, aos sites de conglomerados de mídia, a portais inicialmente desenhados para circulação de música.

Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas, desde os anos 1990, o veículo também se amalgama à TV por assinatura, seja por cabo

ou DTH (*direct to home*); ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita, para captação, via antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM; e à internet, onde aparece com a rede mundial de computadores ora substituindo a função das antigas emissões em OC, ora oferecendo oportunidade para o surgimento das chamadas webrádios ou, até mesmo, servindo de suporte a alternativas sonoras assíncronicas como o *podcasting*. (FERRARETTO, 2007, p. 2)

Henry Jenkins (2008) avalia que essas inovações conferiram certo poder ao público, que passou a interagir com os meios de difusão de informação. Vivenciamos agora uma cultura midiática participativa, a qual o autor chama de cultura da convergência e a define, de forma mais ampla, como sendo as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais sofridas pela mídia. Ele acredita que, em um ambiente altamente interativo como a Internet, o consumo de informações a partir de múltiplos dispositivos se intensifica.

Jenkins (2008) explica a cultura de convergência partindo de três pilares: a convergência dos meios em si, a cultura participativa e a inteligência coletiva, resultantes do fenômeno. Por convergência o autor se refere ao novo público, de caráter migratório, que vai em busca de conteúdos por meio de múltiplas plataformas midiáticas para uma expansão da experiência, e tem impacto tanto na forma de produzir quanto de consumir. Essa circulação de conteúdos está intrinsicamente ligada à participação ativa do interlocutor e acontece de forma não linear. (JENKINS, 2008).

Ao falar de cultura participativa, Jenkins defende uma relação dos consumidores com o meio, em que esse receptor, até então passivo, passa a ocupar o mesmo papel de produtor midiático. Novas ferramentas que permitem a recirculação de mídias, uma subcultura que promove a produção do tipo faça-você-mesmo e uma demanda por múltiplos canais de acesso e mais modos ativos de audiência moldam essa nova cultura participativa. Ou seja, os indivíduos têm a chance de exercer a inteligência coletiva no mundo *on-line*, e as conclusões a que se chega através desse espaço são capazes de transformar o processo corporativo. “Ao invés de as corporações incentivarem a participação dos espectadores, os próprios consumidores aprendem a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo de mídia” (JENKINS, 2008, p.46).

Já em relação à inteligência coletiva, o autor acredita que “por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça” (JENKINS, 2008, p. 30), existe um incentivo extra para que os seres conversem entre si sobre a mídia que consomem, o que acaba por tornar a experiência como um processo coletivo.

Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro de corporações de mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente. A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. (JENKINS, 2008, p. 30)

Na mesma linha de pensamento, Bianco (2012) afirma que o fenômeno da convergência precisa ser compreendido para além de uma mudança tecnológica. Segundo a autora, trata-se de um “processo cultural que perpassa múltiplos suportes e mercados midiáticos, em que os consumidores migram de um comportamento de espectadores passivos para uma cultura mais participativa” (BIANCO 2012, p. 17). Isso significa que as inúmeras transformações proporcionadas por esse acontecimento implicou também no declínio dos meios de comunicação de massa, fazendo surgir novas formas individualizadas de produção e distribuição de conteúdo.

Nesse contexto, apresentamos o rádio, antes uma mídia altamente massificada e unilateral, mas que começa a se reinventar inserido no processo de convergência, que emerge na década de 1990. Primeiro, com o uso do telefone celular como estratégia de apuração e a incorporação da internet nas redações, depois com a criação das *webrádios*. “O rádio, como parte do ambiente, sempre impregnou a vida das pessoas por estar em toda parte graças o aparelho portátil e, em tempos de internet, essa mobilidade é potencializada” (BIANCO, 2012, p 35). As oportunidades oferecidas pela internet fizeram surgir uma nova forma de radiofonia, como reflete Nair Prata (2009).

O usuário não apenas ouve as mensagens transmitidas, mas também as encontra em textos, vídeos, fotografias, desenhos, hipertextos. Além do áudio, há toda uma profusão de elementos textuais e imagéticos que ressignificam o velho invento de Marconi (PRATA, 2009, p. 43).

E não somente na forma, essa ressignificação do rádio proporcionada pelas novas tecnologias e pela cultura da convergência mudou completamente a noção de consumo radiofônico, como já posto. O ouvinte, que antes apenas absorvia o conteúdo que lhe era apresentado, passa a ter maior poder sobre aquilo que deseja consumir. A Internet possibilitou que o usuário programasse aquilo que ele quisesse ouvir na hora e no lugar em que melhor lhe servisse, tornando o rádio uma mídia ainda mais individualizada, em que o interlocutor é produtor de conteúdo ao mesmo tempo em que é consumidor. Tais potencialidades permitiram

o desenvolvimento de um fenômeno denominado *podcasting*, como reflete Herschmann e Kischinhevsky (2007).

2.1 Podcasting

O século XXI é marcado por inovações em diferentes setores da sociedade. Entre elas estão as novas formas de se ouvir rádio.

A escuta radiofônica se dá agora não apenas em frequência modulada (FM), ondas médias (AM), curtas e tropicais, mas também em tocadores multimídia, celulares, microcomputadores, notebooks, tablets; ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através da busca em arquivos ou diretórios). Se o transistor já havia deslocado o rádio da sala de estar, empurrando-o para o quarto, a cozinha e as ruas, agora o rádio a pilha tem novos companheiros, que permitem não apenas a escuta em múltiplos ambientes e temporalidades, mas também a produção, a edição e a veiculação de áudios com agilidade crescente. (KISCHINHEVSKY & MODESTO, 2014, p. 2)

No contexto da cultura da convergência que se consolidou pela ascensão da Internet, o rádio se reconfigura e suas as transmissões via *web* abrem novas formas de interação com o público (chats, e-mails) bem como possibilitam novas ferramentas que unem o áudio a textos, imagens, vídeos, gráficos e hipertextos. E mais que isso, surgem, concomitantemente a estes avanços, discussões em torno de novas terminologias para o meio de comunicação rádio. (MODESTO e GUERRA, 2011)

Herschmann e Kischinhevsky (2007) evocam uma dessas novidades, um fenômeno oriundo deste século que revolucionou a história do rádio: o *podcasting*². De acordo com os autores essa espécie de rádio online desponta por intermédio da rede no começo dos anos 2000, mais precisamente no ano de 2004. Segundo eles, nesta modalidade de rádio sob demanda o internauta pode baixar os arquivos de áudio para seu computador e/ou para seu tocador multimídia, trazendo um potencial emancipador ao ouvinte, que passa a ter a alternativa de programar a recepção de conteúdos radiofônicos, seguindo a lógica da cultura da convergência anunciada anteriormente. “O *podcasting* desperta especial interesse devido ao fato de que o meio rádio vive hoje um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela convergência tecnológica” (HERSCHMANN & KISCHINHEVSKY, 2007, p. 7).

Primo (2005) explica que o *podcasting* emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet e funciona de maneira parecida com as *netradios* ou as rádios via satélite,

² O nome *podcasting* é uma junção dos termos “iPod” (tocador de MP3 da marca Apple) e “*broadcasting*” (sistema de disseminação de informação transmitida em larga escala). (CASTRO, 2005)

sendo o sistema de distribuição por meio de assinaturas RSS o seu maior diferencial. De acordo com Castro (2005) essa inovação de certa forma inverte o sentido do fluxo um para muitos, característico dos meios de comunicação massivos. A autora define que nesse caso seria mais apropriado dizer que o fluxo funciona segundo um esquema muitos para um. “Trata-se de uma tecnologia por meio da qual o conteúdo é “retirado” pelo assinante ao invés de ser “empurrado” até ele por um canal aberto de distribuição.” (CASTRO, 2005, p. 8). O conteúdo que se recebe é o programa (ou episódio) completo daquele programa, algo que, segundo a autora, pode-se guardar para ouvir quando e onde quiser.

Dessa forma, a distribuição do podcast³, produto midiático, diferencia-se radicalmente da radiodifusão. Para Primo (2005) no *podcasting*, essa sincronia, típica dos meios de massa, é quebrada, pois o tempo de produção e publicação não coincide com o da escuta. Dá-se assim uma nova forma de recepção, que acontece de maneira assíncrona, ou seja, emissor e receptor não precisam estar sincronizados para que a comunicação ocorra.

Importante destacar outra característica do *podcasting* que o torna atraente para um tipo de público que já se habituou ao que estudiosos norte-americanos denominam *multi-tasking*, ou seja, a um tipo de concentração difusa que permite que se executem diferentes tarefas simultaneamente, tais como ouvir música, fazer o dever de casa no computador, conversar com um amigo online enquanto fala ao telefone com outra pessoa (CASTRO, 2005 p.10)

Herschmann e Kischinhevsky (2008) acrescentam ainda que, com o barateamento dos equipamentos eletrônicos, as condições materiais perdem lugar para a apropriação dos meios de produção por parte dos usuários. Isso significa que o podcast inova na sua forma de produção, por dispensar a necessidade de altos investimentos e de exigência técnica de produção, aplicada a outras mídias mais tradicionais. Para sua feitura, exige-se apenas um computador, um microfone para gravação, ferramentas de edição e uma plataforma para hospedagem do arquivo na rede, disponível gratuitamente na Internet. Dessa forma, mesmo as produções caseiras podem ter alta qualidade sonora e baixo custo. Pode-se dizer, portanto, que o *podcasting* possibilita certo grau de democratização tanto na feitura quanto no consumo radiofônico. Se antes o receptor não detinha grande poder de escolha sobre o que consumir, agora ele pode inclusive produzir conteúdo:

A forte interatividade com os ouvintes e a possibilidade sólida de um ouvinte se tornar um *podcaster* sem dificuldades subverte o conceito tradicional de receptor passivo das mídias de massa, ampliando o conceito de receptor ativo das mídias digitais para se tornar ao mesmo tempo potencialmente receptor e emissor (LUIZ, 2009, p.10)

³ É preciso atenção para não confundir *podcasting* (o processo em sua totalidade) com *podcast* (o produto). (CASTRO, 2005)

Em suma, Herschmann e Kischinhevsky (2007) apontam que o *podcasting* muda não apenas o modo de produção e distribuição radiofônica como também revoluciona a atitude do consumidor, que passa a ter a opção de escolher programações que gostaria de ouvir, mas que não encontrava no dial⁴. “O novo meio permite recepção assíncrona – ou seja, o consumidor baixa os dados e só ouve a transmissão quando tiver tempo disponível” (HERSCHMANN e KISCHINHEVSKY, 2007 p. 8). Assim, para os autores, o novo fenômeno aluna uma das principais limitações da veiculação em ondas hertzianas: a fugacidade da comunicação oral em fluxo contínuo (*broadcasting*), cujo teor – salvo em caso de gravação – não pode ser recuperado pelo ouvinte comum.

Com a disseminação do rádio sem onda (KISCHINHEVSKY, 2007) apresentado anteriormente, a seguinte questão emerge: essa nova mídia pode ser considerada de fato rádio? Devido as suas várias inovações, era natural de se esperar que o fenômeno trouxesse desconfiança por parte de alguns autores mais conservadores, que defendem que o *podcasting* não carrega a essência da radiodifusão.

Kischinhevsky (2009) clarifica esse ceticismo, que acontece pelo *podcasting* apresentar, enquanto teoria, um grande potencial em termos de linguagem, temática e formatos que o rádio tradicional não permite. De acordo com Carvalho (2014) a linguagem do rádio consiste em um conjunto de elementos sensoriais de tipo auditivo que ao serem combinados entre si compõem uma obra essencialmente sonora. Essa linguagem é composta por quatros elementos: a palavra, a música ou trilha sonora, os efeitos sonoros e o silêncio (CARVALHO, 2014, p. 4). Pelo menos até aqui, a maioria dos podcasts reproduzem estilos de locução, formatos de programas, vinhetas e outros recursos típicos do rádio convencional. Assim como nos meios de *broadcasting*, o importante é a mensagem. Esse é um dos motivos pelo qual exista autores, como o próprio Kischinhevsky, que defendem o *podcasting* como sendo uma modalidade de rádio, e não um novo e distinto meio, que estaria “remediando” a radiodifusão (BOLTER e GRUSIN apud KISCHINHEVSKY, 2009). Em resumo, o *podcasting* é a junção do rádio tradicional com as possibilidades oferecidas pela internet.

Quanto à mensagem e ao código, Ferraretto (2014) explica não haver grandes mudanças nas estruturas. Segundo o pesquisador, antes o que aparecia em meios físicos, como a interatividade por meio de cartas e telegramas, agora passa para o digital, com o e-mail e as

⁴ Indicador de sintonia de rádio.

mensagens de celular. Tudo isso sem que os elementos básicos e as formas de fazer a comunicação se alterem profundamente. Ferraretto (2014) defende que o código comunicacional também segue de maneira semelhante, pois o rádio moderno faz uso das mesmas características do suporte tradicional para emitir conteúdo: música, efeitos sonoros e silêncio. À vista disso, mesmo que a digitalização pareça modificar totalmente o modo de se fazer rádio e ofereça inúmeras novas possibilidades, ele continua sendo um meio predominantemente sonoro.

2.2 O podcast e a audiência segmentada

É fato que a convergência midiática carrega consigo diversas implicações para o mundo contemporâneo. A partir das possibilidades oferecidas pela internet, o modo de consumo dos meios de comunicação se transformou, como posto anteriormente. A cultura de mídias, antes mediada pelos *mass media*, produzia um tipo de mensagem para um público homogêneo, sem nenhum – ou com pouco – poder de escolha sobre o que e quando consumir. Agora, por intermédio da internet, essa cultura se modificou a ponto de permitir a seleção e manipulação das informações por parte da audiência. Em resumo:

A nova mídia determina uma audiência segmentada, diferenciada que, embora maciça em termos de números, já não é uma audiência de massa em termos de simultaneidade e uniformidade da mensagem recebida. A nova mídia não é mais mídia de massa no sentido tradicional do envio de um número limitado de mensagens a uma audiência homogênea de massa. Devido à multiplicação de mensagens e fontes, a própria audiência torna-se mais seletiva. A audiência visada tende a escolher suas mensagens, assim aprofundando sua segmentação, intensificando o relacionamento individual entre emissor e receptor (CASTELLS, 2000, p. 262-367).

Tais mudanças na forma de consumo alteraram, obviamente, os mercados midiáticos. A época do rádio eclético, companheiro, único meio de comunicação disponível existe paralelo às formas de consumo próprias da web. Neste, o caminho é o da segmentação (BARBEIRO apud NEUBERGER, 2012, p. 76). Para Saar (2013), os podcasts, por não terem regulamentação governamental como o rádio tradicional, dispõem da característica de apresentar informações de ordem pessoal ou de interesse grupal, variando de acordo com os gostos e peculiaridades de cada indivíduo. Assim:

Com o aprofundamento da segmentação proporcionado pelas redes digitais, crescem também os nichos de mercado para empreendedores, como redes sociais de base radiofônica (Last.fm, Blip.fm, Radiotube), *podcasters*, diretórios e fornecedores de soluções para distribuição de podcasts e web rádios (FERRARETTO & KISCHINHEVSKY p. 178)

O conteúdo de caráter segmentado apresentado neste subcapítulo, porém, não é um fenômeno inédito. Segundo Almeida e Margoni (2010), a prática já despontava na transmissão de informações especializadas pelo telefone e foi massificada pelos canais de televisão e de áudio por assinatura desde o século passado. De acordo com outro autor, Neuberger (2012), a fragmentação também já era uma constante na história do rádio, desde a criação do transistor, um revolucionário rádio portátil e individual difundido na década de 1950. Mas não somente na forma. “A segmentação do público foi um dos trunfos do rádio nos anos de 1980, não só em AM e FM ou programação das emissoras, mas em termos das próprias emissoras.” (NEUBERGER, 2012, p. 76). O autor cita o caso da Rádio Mulher, de São Paulo, que oferecia uma programação de gênero, com assuntos que atraíam mais o público feminino. Além desse, tem-se o exemplo da rádio Bandeirantes, que nos anos 1980 e 1990 se consagrou com o slogan “O Canal do Esporte”, servindo de suporte para o público amante do segmento.

A segmentação dos podcasts, de acordo com as ideias Almeida e Magnoni (2010), dá-se de forma mais significativa do que a que acontecia anteriormente, com os meios convencionais, pela viabilidade oferecida pela rede do internauta “traçar o próprio caminho” durante a navegação em busca dos conteúdos que lhe sejam úteis ou mais agradáveis. Tudo isso potencializado pela facilidade de se ouvir conteúdos como, quando e onde quiser.

Outro aspecto que diferencia o rádio na internet, exceto no caso de transmissão ao vivo, é a não-linearidade do conteúdo. Assim como qualquer site disponível na web, é possível realizar uma navegação hipermidiática, já que se pode ouvir podcasts de acordo com o assunto de interesse de cada um, olhar álbuns de fotos de artistas ou de últimas notícias, ver um videoclipe, interagir com os locutores, tudo de acordo com o gosto individual. (NEUBERGUER, 2012, p. 128)

Em vista disso, de acordo com Saar (2013), os podcasts tornam visíveis a importância das tecnologias da informação e sua flexibilidade para atender a diversos públicos, possibilitando novas maneiras de se transmitir informação.

3 JORNALISMO ESPECIALIZADO EM ESPORTES

“Em uma sociedade multicultural e dividida em diferentes níveis sociais como a nossa, é difícil medir o grau de importância que uma informação pode ter sobre certo grupo de pessoas”. (SILVA, 2011, p. 24). Com isso o autor quer dizer que a escolha de um assunto que possa interessar a toda a comunidade parece ser uma tarefa difícil para o jornalismo, pois mesmo quando as notícias possuem relevância para certos indivíduos, pode não suprir a carência de outros. Para Silva (2011) é nesse estágio, em que as escolhas individuais prevalecem sobre o engajamento específico, que o jornalismo ganha diferentes especializações. Estas surgem da necessidade da sociedade por uma produção personalizada, que atenda aos seus anseios e resulta diretamente no crescimento da segmentação do mercado que consome informação.

Nesse sentido surgem atividades direcionadas aos esportes, um assunto que, em geral, atrai um grande público e, pelo menos a cada dois anos, com os grandes eventos – Olimpíadas e Copa do Mundo –, tem esse interesse intensificado. Por ser um conteúdo “mais leve” e ligado à diversão, a cobertura de desportos por vezes é tratada como uma atividade de menor valor informativo, nas palavras de Silveira (2009). Entretanto, a autora frisa que para além do entreter, existe um trabalho diário dos meios de comunicação – jornais, revistas, televisão, rádio e internet – que transcende o relato e a transmissão de partidas: são produzidas análises, histórias e informações complementares a respeito do universo desportivo. A esse exercício Unzelte (2009) dá o nome de jornalismo esportivo.

Um jornalista que atua na área de esportes é, antes de tudo, um jornalista, como afirmam Barbeiro e Rangel (2006) na introdução do livro “Manual do Jornalismo Esportivo”. Assim, faz-se necessário lembrar que o profissional que trabalha nesta editoria, assim como em outras, deve ser capacitado para perceber, tratar e divulgar a informação sempre com base nas regras da ética e do interesse público, de acordo com Oselame (2010). Ou seja, segundo a autora, a essência da atividade jornalística não se altera, seja ela desenvolvida em qualquer uma das possíveis especializações e o repórter responsável deve ser alguém que domina as técnicas exigidas pela profissão.

Como em qualquer produto jornalístico, a seleção da notícia esportiva é um processo norteado pelos critérios de noticiabilidade universais à atividade de produção e transformação de acontecimentos em fatos noticiáveis. Também no noticiário esportivo tem mais chances de se tornar notícia o que é factual, que desperta o interesse do público, que atinge o maior número de pessoas, que seja inusitado ou curioso, que seja novidade e que apresente bons personagens (SOUSA, 2005, p. 2).

Dessa forma, cabe ao jornalista, esportivo ou não, ter a sensibilidade em reconhecer se um fato deve ou não ser transformado em notícia. Alguns estudiosos como Traquina (2005) definem noticiabilidade como um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Contudo, de acordo com o autor, os critérios que estabelecem o que pode ou não ser noticiável não são rígidos e podem mudar ao longo do tempo, alterando também de acordo com o contexto onde estão inseridos e a sua abrangência. Alguns autores estabelecem critérios para que ocorra a notícia. A seguir será apresentado àqueles definidos por Traquina (2005): objetividade, instantaneidade, periodicidade, novidade, proximidade e relevância.

O valor da objetividade, defendido por Traquina (2005), surge para distanciar a opinião pessoal do jornalista com relação ao fato e está ligado à noção de imparcialidade. O pesquisador enxerga a objetividade como uma série de procedimentos a serem adotados pelos jornalistas para assegurar uma credibilidade como parte não interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho.

O segundo critério definido pelo pesquisador português, a instantaneidade, é explicada por Franciscato (2005) como a duração temporal da ação e dos fatos que, no jornalismo, não se descola das situações que estão sendo vivenciadas no presente, ou seja, pode ser definida como a atualidade dos fatos. Já a periodicidade, também amarrada à noção de tempo, relaciona-se à continuidade dos acontecimentos por parte do veículo, esse critério de noticiabilidade existe como compromisso com o fluxo de notícias com o consumidor.

A novidade, outro valor-notícia definido por Nelson Traquina (2005), é elucidada por Franciscato (2005) como sendo a emergência do novo, como o nome já sugere. Já a proximidade defendida por Traquina (2005), entretanto, não é apontada por todos os autores da área como sendo critério de noticiabilidade. Seu valor é apontado por Silva (2011) pelo seu caráter aproximador perante ao público. Isto é, o que está próximo – não somente no âmbito geográfico, mas também no social e psicológico – gera engajamento do público.

O último critério estabelecido pelo comunicador é a relevância. Silva (2011) explica que este tem relação com a preocupação de informar o público dos acontecimentos que são considerados importantes, em função de terem grande impacto na vida das pessoas, pois quanto maior a possível repercussão, mais chances um fato tem de ser noticiado.

Outros pesquisadores como Christofletti (2010) também apontam elementos que complementam os estipulados por Traquina e são igualmente importantes para a construção de

uma informação de qualidade. Destacaremos aqui dois itens citados pelo autor, a apuração, que prevê que um fato só pode ser noticiado se passar criteriosa averiguação, e a seleção de fontes, que para o autor deve ser abrangente e plural.

Somados aos critérios de noticiabilidade intrínsecos ao jornalismo apresentados acima, Sousa (2005) acredita que área em questão neste capítulo apresenta algumas normas específicas que fazem com que um fato se torne notícia. O autor afirma isso ao observar que, apesar do crescente número de veículos especializados em diferentes informações desportivas, ainda existe uma unidade entre os mesmos. Assim, Sousa (2005) define quatro critérios que formam “a receita do bolo” do jornalismo esportivo sendo: a) narrativa de redenção e superação, b) ocorrência de competições; c) resultados inesperados; d) rivalidade e provocação.

O autor lembra, entretanto, que as medidas específicas definidas por ele não são muito diferentes daqueles mais universais aplicados à matéria-prima jornalística. “Eles são importantes, são determinantes, mas não existem sozinhos, quer dizer, não justificam por si sós a escolha de um fato em detrimento de outro. Sempre estão associados com algum outro critério clássico do jornalismo” (SOUSA, 2005, p. 14). Dessa forma, a fala do autor confirma a tese de Barbeiro e Rangel (2006) que dizem que jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico ou social.

Ainda assim, Barbeiro e Rangel (2006) lembram que algumas áreas dentro do jornalismo são tratadas com certa desconfiança. É o caso da editoria em questão neste trabalho. De acordo com Coelho (2004) a cobertura esportiva é marcada por preconceitos desde o início de sua trajetória. Isso acontece, na visão de Silveira (2009), devido ao fato de muitos pensarem se tratar de um fazer jornalístico não muito sério e menos importante do que assuntos como política ou economia, por exemplo. Para a autora, isso se dá em decorrência do caráter fluído e menos rigoroso que esse tipo de texto apresenta.

Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que a consideram uma editoria de menor importância, e também do público, que costuma tratar o comentarista, ou repórter esportivo como mero “palpiteiro” (COELHO, 2004, contracapa).

De acordo com Coelho (2004), outro fator que fez com que o assunto obtivesse relutância por parte do público, principalmente nos primeiros anos da editoria, foi a insuficiência de informações precisas. Isso acontecia em virtude da falta de tecnologias de ponta, mas também pela carência de especialização dos jornalistas. O autor menciona como

exemplo Nelson Rodrigues, cronista consagrado da área, mas que possuía severos problemas de visão e cometia vários equívocos na exposição dos lances em seus textos. Coelho (2004) lembra uma gafe histórica cometida pelo jornalista, que na década de 1950 descreveu um gol da seleção brasileira de futebol como se tivesse sido de cabeça, quando na verdade o atacante havia marcado com os pés. Essa imprecisão era, contudo, deixada de lado pois o que importava naquela época era a emoção que o esporte trazia e isso fazia com que as críticas a respeito do valor-notícia da editoria surgissem.

Casos como o mencionado no parágrafo anterior reforçam um pensamento que Silva (2011) chama de retrógrado. O autor lamenta que ainda hoje persiste noção comum de que qualquer um pode escrever, falar ou comentar sobre esporte. Silva (2011) diz que desde a época de Rodrigues muitos acreditam que ser jornalista esportivo não exige mais do que conhecer sobre futebol e ter emoção e pulso suficiente para dominar uma conversa entre amigos no bar. Na prática, de acordo com Silveira (2009), o público fiel – e que sabe muito do assunto – faz cada vez mais aumentar a responsabilidade do jornalista, que deve mostrar ainda mais conhecimentos e demonstrar de fato ser um especialista naquilo que fala.

Ter essa autoridade na construção da notícia é um dos principais desafios na visão de Silveira (2009), uma vez que o mundo dos esportes possui uma variedade de modalidades, com vocabulários distintos e regras abundantes. Assim, de acordo com a autora, só existe um modo de definir esse tema: superespecializado. “É impossível, para apenas um jornalista, ter conhecimento detalhado de todos os esportes, por isso, a divisão nas maiorias editoriais brasileiras é de Futebol e Outros Esportes” (SILVEIRA, 2009, p. 54).

Outra complexidade da área, ainda de acordo com Silveira (2009), diz respeito a sua linguagem própria. O jornalista que trabalha com a cobertura de esportes deve saber o que é, por exemplo, um *iponn*, golpe do judô, ou um *ace*, o ponto marcado direto de um ataque de tênis. Mesmo no conhecido mundo do futebol algumas expressões podem confundir tanto público quanto repórter, que deve saber o que são “luvas” – não as usadas pelo goleiro – e o que seria uma “janela”. Sendo assim, o trabalho de pesquisa e preparação da pauta são características cruciais para que o exercício do jornalismo esportivo se torne possível. Pensando nesse tipo de dificuldade manuais de jornalismo esportivo já trazem um glossário das terminologias da área para facilitar a vida do repórter, é o caso do capítulo final do livro *Jornalismo Esportivo – Relatos de uma paixão* do professor Celso Unzelte, publicado no ano de 2009.

Apesar das intempéries e desconfianças mencionadas, vale destacar que o que move grande parte de quem acompanha a cobertura esportiva é uma característica particular, que diferencia essa editoria de qualquer outra: a paixão que o esporte desperta no público.

Ao produzir seu texto para jornal, rádio ou internet, o jornalista esportivo tem que estar ciente de que está lidando com uma paixão do leitor/telespectador. E por conta disso, a editoria de esporte é a que consegue atingir todas as classes sociais (CARVALHO, 2005, p. 81).

A paixão é, acima de tudo, o que une o profissional ao seu público-alvo. Aliás, aqui se lida não apenas com o sentimento do fã de esportes, como também do próprio especialista que muitas vezes escolhe seguir carreira na área por ser um torcedor aficionado. De acordo com Unzelte (2009, p. 15), essa paixão é inerente ao esporte, e, por extensão, à atividade do jornalista esportivo: “Mais inteligente do que negá-la é saber lidar tanto com sua paixão, quanto com a dos outros”.

Lopes (2015) avalia que é essa paixão que faz com que o jornalismo esportivo ganhe respiro. Ela proporciona a demanda de audiência necessária e cabe ao jornalista levar a esse público informação de relevância e que contribua para a disseminação da prática esportiva, função social implícita a quem milita na área.

3.1 Breve histórico do jornalismo esportivo no Brasil

Não existe um consenso sobre a primeira vez em que o jornalismo esportivo foi colocado em pauta no país. Segundo Ribeiro (2007), os primeiros vestígios da cobertura de esportes por aqui se deu no periódico “O Atleta”, que circulava pelo Rio de Janeiro por volta do ano 1856. Contudo, este não noticiava resultados ou detalhes de campeonato algum, nem mesmo de regatas ou turfe, esportes tradicionais entre a elite carioca da época, mas apresentava dicas de aprimoramento físico para a população.

Para Unzelte (2015), é no ano de 1876 que surge a primeira notícia realmente esportiva publicada em jornais: os resultados de uma corrida de cavalos que havia sido realizada no Rio de Janeiro em 13 de agosto daquele ano. A informação foi publicada no dia seguinte no jornal carioca “O Globo” e viria a ser exposta no “Província de São Paulo” (atual O Estado de S. Paulo) somente uma semana depois do ocorrido, conforme o autor. Acontece que o jornalismo, principalmente o esportivo, é feito de *timing*, o que pode explicar um dos porquês do esporte não ter recebido tanto espaço na mídia daquela época.

Já para Coelho (2004), o jornalismo esportivo propriamente dito começa na década de 1910 com o “Fanfulla”, jornal impresso que circulava por São Paulo visando um novo público que emergia na cidade, os imigrantes italianos. O autor afirma ser este periódico o marco inicial na história da cobertura esportiva brasileira, pois foi a partir de uma convocação do jornal, extrapolando a missão de simplesmente relatar, que fez surgir no ano de 1914 a equipe do Palestra Itália, atualmente a Sociedade Esportiva Palmeiras. Com esses materiais voltados para os italianos, o “Fanfulla” pôde ser considerado um dos primeiros jornais a tratar de futebol no Brasil, tanto que ainda é usado como fonte de pesquisa sobre os primeiros passos do esporte no país. Foi “o primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí” (COELHO, 2004, p. 9).

O gesto citado por Coelho (2004) e apontado no parágrafo anterior deixou claro o impacto em abordar a questão do esporte em um veículo de comunicação. A partir dele, o “Fanfulla” passou cada vez mais a ampliar as publicações do gênero, produzindo periodicamente relatos de página inteira sobre futebol em tempo em que este ainda não cativava multidões.

Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta do Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado (COELHO, 2004, p. 8 a 9).

Mas por que o jornalismo esportivo começa, na visão de Coelho (2004), a partir de um jornal que escrevia sobre futebol se, nas palavras do mesmo autor, “esporte não é sinônimo de futebol?”. Tratando-se de Brasil, não é difícil de supor e Stycer (2007) confirma: tudo se desenvolveu concomitantemente à popularização deste que é o esporte mais renomado do país.

O desenvolvimento da imprensa esportiva no Brasil deve muito a um esporte que, se não fosse pela importância que adquiriu no país, talvez as informações esportivas até hoje ainda estivessem relegadas a um segundo plano no jornalismo brasileiro e quiçá teria se tornado uma editoria independente e, apesar dos preconceitos ainda praticados em pleno século 21, depositária de prestígio social e econômico, por gerar algumas das maiores receitas publicitárias no país e manter o interesse pela leitura de jornais em grande parte da população (SOUSA, 2006, p.2)

O futebol, que, assim como o consumo de notícias, inicialmente era de exclusividade da elite, aos poucos passa a ter um viés mais popular. Mota (2013) assegura que uma vitória em especial contribuiu para que esse esporte caminhasse rumo à afirmação: a luta pela inserção de

jogadores negros nas instituições; atletas um histórico de exclusão social durante toda a história do Brasil. Já para Unzelte (2015), essa popularização se deve principalmente pelo momento político vivenciado naquela época. Segundo o autor, Getúlio Vargas, que assume o poder em 1930, revolucionou tanto a prática do esporte quanto o consumo de informação sobre o seguimento declarando a profissionalização do futebol em 1933. “Na verdade, os esforços governamentais foram ainda mais longe, uma vez que se percebera o quanto ele era um importante instrumento para moldar a visão que o brasileiro tinha de si próprio” (UNZELTE, 2015, p. 79 apud AGOSTINHO, 2002, p. 142). A hora era de oferecer cultura e diversão também às massas, expõe Unzelte (2015). E para que isso pudesse ocorrer, os veículos massivos tiveram papel primordial. É o caso do rádio.

3.2 Radiojornalismo e esporte

Maior veículo de comunicação do país do século XX, segundo Unzelte (2015), o rádio foi um importante meio de propagação da cobertura esportiva no Brasil. Milton Jung (2004), em seu livro “Jornalismo de Rádio”, diz que o meio cresceu e se desenvolveu junto ao futebol por aqui, tornando-se o exemplar da comunicação que mais explorou a emoção do esporte logo nos primeiros anos. Soares (1994) explica esse desenvolvimento concomitante de rádio e esporte: no início dos anos 30 ambos buscavam profissionalizar-se, bem como se livrar da noção de que serviam somente às elites.

Assim, de acordo com Madureira e Kischinhevsky (2015), a cobertura esportiva tomou proporções tão estratégica para o rádio que as principais emissoras informativas, no Brasil, estruturaram equipes específicas para dar conta dessa demanda. “O radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se firmar no rádio e continua ocupando grande tempo nas principais emissoras brasileiras, com programas permanentes de notícias e comentários durante a semana, que culminaram na longa jornada dos dias de jogos” (SOARES, 1994, p. 13). Isso talvez se deva porque, desde os anos 1930, os narradores de esporte no rádio, especialmente no âmbito do futebol, foram se aperfeiçoando, criando bordões e gradativamente recebendo sustentação de comentaristas de jogo, de analistas de arbitragem, de repórteres de campo e setoristas, plantonistas (FERRARETTO, 2014) que ajudaram a compor “o show radiofônico que envolve a transmissão dedicada a uma partida de futebol” (MADUREIRA & KISCHINHEVSKY, 2015, p. 06).

Tudo começa na década de 1930, segundo Ribeiro (2007), em que aconteceram os primeiros registros do exercício do jornalismo esportivo no rádio com os programas veiculados pela “Educadora de São Paulo”, pertencente ao grupo Bandeirantes, que apresentavam prioritariamente os resultados das partidas de futebol do dia ocorridos tanto na capital quanto em outras cidades do país. A inclusão do esporte mais popular do Brasil às grades de programação acontecia pela política de Getúlio Vargas, citada no subcapítulo anterior, em que o futebol seria uma ferramenta de fortalecimento de uma identidade nacional. Ribeiro (2007) aponta que é por meio da mesma política que, além das notícias, as rádios veiculavam anúncios publicitários ligados ao esporte e, com isso, começaram a faturar muito dinheiro. Em síntese, um novo pilar para a comunicação radiofônica se formara.

Nesse cenário, de acordo com Unzelte (2015), surge a primeira transmissão na íntegra de uma partida de futebol, datada de 19 de julho de 1931. Na cidade de São Paulo, o jornalista Nicolau Tuma narrou pela “Sociedade Educadora Paulista” um jogo entre São Paulo e Paraná, pelo 8º Campeonato Brasileiro de Futebol, que terminou em 6 a 4. “Com o ato, Tuma tornou-se uma celebridade na emergente indústria radiofônica e chegou a ter sua entrada proibida em estádios, porque os cartolas temiam que suas narrações desestimulassem o público a pagar por ingressos” (MADUREIRA & KISCHINHEVSKY, 2015, p. 02). O marco sinaliza um passo para a disseminação do esporte entre as camadas populares da sociedade.

Segundo Madureira e Kischinhevsky (2015), o pioneirismo de Tuma, no entanto, é alvo de controvérsias, pois há estudiosos que creditam a Amador Santos, da “Rádio Clube do Brasil”, no Rio de Janeiro, as primeiras locuções de futebol, no fim da década de 1920. Não por acaso, nas palavras dos autores, Nicolau Tuma e Amador Santos são considerados os representantes das duas primeiras escolas de narração esportiva radiofônica do país, que prevalecem até hoje em dia: a paulista, de ritmo frenético, e a carioca, mais descritiva e ritmada.

A década de 1930, conforme Ribeiro (2007), foi importante em muitos aspectos para o jornalismo esportivo do rádio. O autor explicita que também nessa década a “Record” de São Paulo realizou pela primeira vez o plantão esportivo, batizado de “Esporte nas Antenas”. Ribeiro lembra que emissora foi a primeira a levar a transmissão de partidas de futebol em cadeia com rádios do interior do estado paulista, além de narrar resultados de outros esportes como o turfe, basquete e boxe.

Madureira e Kischinhevsky (2015) explicitam que o interesse pelas transmissões esportivas cresceu ao longo dos anos, sobretudo com o bom desempenho da seleção brasileira

de futebol masculina – única até 2014. Unzelte (2015) expõe que a cobertura da Copa de 1938, direto da França, na voz de Gagliano Netto para as rádios “Cruzeiro do Sul”, de São Paulo, e “Cosmos”, do Rio de Janeiro, foi instrumento crucial para a popularização do segmento e, por consequente, do esporte mais amado do Brasil.

A Copa do Mundo de 1938 transformou definitivamente a imprensa esportiva brasileira. Desde os preparativos da seleção até o retorno da França, não se falava em outra coisa nas ruas. Os jornais faturavam alto, e a criatividade de cada um determinou o sucesso nas vendas. (RIBEIRO, 2007, p. 98)

Já em meados dos anos 1940, as transmissões esportivas foram se transformando num espetáculo à parte, de acordo com Madureira e Kischinhevsky (2015). Neste contexto, os autores destacam Ary Barroso, compositor de grandes sucessos da música brasileira, como Aquarela do Brasil, apresentador de programas de calouros no rádio e narrador esportivo entre as décadas de 1930 a 1950. “Coube a Ary Barroso introduzir estímulos sonoros para despertar a atenção do ouvinte/torcedor, como a famosa gaitinha que tocava quando o Clube de Regatas Flamengo marcava um gol e se tornou referência” (MADUREIRA & KISCHINHEVSKY, 2015, p. 7).

No mesmo período, Ribeiro (2007) destaca a inclusão de comentaristas nas jornadas esportivas do rádio, principalmente na grade da recém-criada “Panamericana”, de São Paulo. Com a afirmação do caráter comercial do rádio e na conjuntura de ampliação do número de horas de transmissão dedicadas ao esporte, a emissora paulista se destacou, sendo “a primeira do rádio brasileira a ter um dia inteiro, sete dias por semana, um ano de programação esportiva” (RIBEIRO, 2007, p. 113). Soares (1994) conta que além da ideia de plantão esportivo, com a explanação de resultados partidas por um profissional direto do estúdio, o veículo trazia outras novidades importantes: a criação da figura do comentarista para acompanhar o jogo, pois até então o locutor ficava sozinho no estádio; programas curtos de quinze minutos dedicados a clubes diferentes; e transmissão de outros esportes além do futebol, como boxe, basquete, vôlei, tênis e até modalidades mais inusitadas, por exemplo, hóquei sobre patins, golfe e tênis de mesa.

A década de 1950 chega e com ela a televisão. Esta, contudo, veio ao Brasil como um artigo de luxo, pois o preço para sua aquisição inicialmente era alto. Assim Ferraretto (2001) sinaliza que o novo meio, disseminado apenas no campo das elites em um primeiro momento, abre portas para a migração das transmissão-espetáculo, carro chefe do rádio na década anterior, para a TV. Com isso o autor afirma que o esporte foi ganhando cada vez mais espaço na radiodifusão, juntamente com e a prestação de serviços.

Mas foi com a chegada das décadas de 1960 e de 1970 que o esporte no rádio – e em todos os setores da sociedade – obteve seu auge. Não por coincidência, o período corresponde aos anos áureos do futebol brasileiro, comandado pelo melhor jogador de todos os tempos: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Durante essa chamada era de ouro, Coelho (2004) destaca o final da década de 1970, em que as rádios davam um show todo domingo nas principais capitais do país. O autor lembra que o que não faltava era opção sobre o que ouvir. A concorrência era tanta que algumas emissoras tentavam medidas drásticas para sobreviver. Coelho (2004) cita o caso da paulista “Rádio Capital”, que com poucos recursos para enfrentar as grandes, apostou na transmissão de dois ou três jogos simultaneamente, na tentativa de captar a atenção de vários tipos de torcedores.

Também nesse espaço de tempo, principalmente o fim da década de 60 como sinaliza Pessoa (2012), com o aumento da popularização do rádio e sua íntima ligação com o esporte, surgem programas que começavam a oscilar entre o gênero jornalístico e o entretenimento. O autor cita como exemplo a criação do programa de humor Show de Rádio, pela “Panamericana” em 1967. Este ia ao ar logo após as transmissões esportivas e fazia sátiras com personagens de torcedores típicos dos principais clubes do estado de São Paulo. O novo modelo fez sucesso e, de acordo com Pessoa (2012), após 15 anos no ar o programa foi vendido para a “Bandeirantes”. O autor aponta ainda que com a baixa a emissora criou o programa jornalístico para preencher a programação, o Terceiro Tempo, liderado pelo radialista Milton Neves e que, mesmo depois de reconfigurações, existe até hoje.

“Este formato comandado por Milton Neves se popularizou de tal maneira que rádios de outros estados e do interior de São Paulo passaram a adotá-lo” (PESSOA, 2012, p. 28). Para Coelho (2011), porém, o sucesso fez com que o radialista caísse na tentação de fazer o trabalho mais fácil, preocupando-se mais em gerar receita com patrocinadores do que continuar estudando o esporte, uma grande armadilha para o profissional da área na avaliação de Pessoa (2012).

Foi através dessa linha tênue entre jornalismo e entretenimento, por meio do humor e com a inserção de grandes estrelas na programação como comentaristas, que as emissoras encontraram poder de concorrer em audiência não apenas entre si, mas também com a já mencionada televisão, que entre as décadas de 1970 e 1980 começa a se popularizar. Pessoa (2012) afirma que para suprir essa carência de audiência surge a necessidade de aumentar a emoção durante as transmissões esportivas, intensificando o uso de bordões e vinhetas que “grudavam” na mente do ouvinte.

No entanto, com o crescente aperfeiçoamento de novas mídias e a partir da década de 1990, fez com que a cobertura esportiva radiofônica sofresse severas mudanças, já mencionadas no capítulo anterior. Coelho (2004) aponta que o gasto para a locução de campeonatos foi ficando cada vez mais dispendioso, pois o direito de transmissão estava fora do alcance das emissoras, bem como era caro manter equipes viajando para acompanhar as informações. Novas formas de driblar a crise foram necessárias.

De qualquer maneira, podemos perceber ao longo do capítulo que o gênero de relatos desportivos não se limita à transmissão de partidas, de acordo com Madureira e Kischinhevsky (2015, p. 13): “O rádio é hoje um meio de comunicação expandido que extrapola as transmissões em ondas hertzianas”. Se as rádios aos poucos perderam o poder de investimento na locução ao vivo, elas supriram a audiência com programas de comentários e análises, o modelo inaugurado na década de 1980 com Milton Neves e que está presente nas programações das rádios ainda nos dias atuais, sejam elas tradicionais ou online.

4 PERCURSO METODOLOGICO

Como apontado ao longo deste trabalho, o jornalismo de esportes conquistou um espaço relevante na história do rádio brasileiro e utilizou-se de fatores como locuções em tempo real, programas de comentários e pitadas de humor para conquistar uma audiência expressiva. A discussão promovida por esta monografia analisa, em busca de respostas, como o jornalismo esportivo se configura na atualidade para um novo tipo de ouvinte radiofônico, o internauta consumidor do formato podcast.

Para isso, foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico acerca de tópicos relacionados à temática, que consistiu na averiguação de artigos científicos e livros de autores com autoridade nos assuntos de rádio em um cenário de convergência e jornalismo esportivo. Porém, o estudo em questão percorre pelo caminho da pesquisa documental, que compreendido por Gerhardt e Silveira (2009), significa recorrer a fontes mais diversificadas e dispersas sem tratamento analítico, como é o caso do material empírico que aqui será analisado, os podcasts. Já em relação ao local se configura como uma pesquisa de laboratório, pois para atender aos objetivos propostos não será necessário ir a campo, podendo se limitar, como posto, à consulta bibliográfica e documental.

A reflexão desenvolvida pode ser considerada ainda como uma pesquisa de natureza básica, pois de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), ela gera conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. Apresenta-se também como uma investigação descritiva segundo Gil (2008), uma vez que objetiva descrever as características de determinada população, no caso os podcasts esportivos.

Ademais, em relação à abordagem, trata-se de um estudo qualitativo, posto que “preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32). Esse tipo de abordagem é a mais adequada para a pesquisa proposta porque, de acordo com as ideias de Laurence Bardin (2011), a análise qualitativa é válida na elaboração de deduções sobre um acontecimento, visto que dedica-se a índices específicos, sem precisar tratar exaustivamente todo o conteúdo.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.22).

Pensando nisso e com o intuito de colocar a monografia em execução a pesquisa foi dividida em dois grandes momentos. O primeiro baseado em uma pesquisa bibliográfica já citada anteriormente, utilizada para a escritura dos capítulos de base teórica. O segundo momento, o da análise, consistiu na determinação de uma amostragem em relação ao objeto empírico a ser trabalhado bem como no método para o tratamento dos dados coletados e serão detalhados a seguir.

4.1 *Corpus da pesquisa*

Para estabelecer o objeto empírico para a monografia foi necessário utilizar-se daquilo que Bardin (2011) denomina como a regra da pertinência: “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p.98).

Vivemos hoje a era da informação, isso significa que há uma grande variedade de gêneros e formatos jornalísticos disponíveis através da web. E com os podcasts, objeto de estudo que aqui será tratado, não é diferente, existe um surpreendente número de opções na rede. Dessa forma, para cumprir os objetivos propostos por essa dissertação, foram escolhidos três exemplares diferentes focados exclusivamente na cobertura esportiva: “Dibradora”⁵, “Na Trilha”⁶ e “Pelada na Net”⁷. Mas por que estes e não outros? O intuito foi selecionar programas independentes com estilos e abordagens diferentes para obter resultados empíricos mais satisfatórios. Além disso levou-se em consideração outros fatores como o apreço pessoal da pesquisadora e algumas listas de indicações como por exemplo a do site Mundo Podcast⁸.

Para a efetivação da análise, escolheu-se dois episódios de cada um dos podcasts expostos acima. Para a determinação da amostragem alguns preceitos foram estabelecidos a fim de que esse material recebesse uma triagem da forma mais generalizada possível. Optou-se pela seleção de capítulos da denominada “temporada regular” nos canais que abordam competições nacionais e internacionais de futebol e outros esportes de equipe, “Dibradoras” e “Pelada na Net”. Os quatro episódios dos respectivos podcasts datam de Agosto de 2018, mês de retomada das principais competições esportivas pós Copa do Mundo FIFA. Já o *Na Trilha*, por ser um

⁵ Disponível em: <http://www.central3.com.br/category/podcasts/dibradoras-podcast> Acesso em: 25 nov 2018.

⁶ Disponível em: <https://vcnatilha.com.br> Acesso em: 25 nov 2018.

⁷ Disponível em: <http://peladanet.com.br> Acesso em: 25 nov 2018.

⁸ Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/publieditorial/podcasts-mundo-esportivo> Acesso em: 25 nov 2018.

canal que traz explicações e dicas acerca de esportes radicais e, portanto, não segue um calendário esportivo rigoroso como os demais, recebeu um critério diferente: foram selecionados dois episódios que não explanassem uma modalidade esportiva específica, mas sim um tema genérico. O primeiro escolhido foi o episódio de 4 de Março e o segundo de 7 de Outubro deste ano.

Assim, a amostragem a ser analisada por esta monografia configurou-se da seguinte maneira:

- Dibradoras #119 Dez anos do ouro olímpico!
- Dibradoras #117 Alline Calandrini
- NaTrilha #42 – Primeiros Socorros
- NaTrilha #48 | Dicas de Nutrição Esportiva
- Pelada na Net #337 – O Cheirinho Está De Volta
- Pelada na Net #339 – Valeu, Árbitro de Vidro

Após a seleção do material, que estão disponíveis no Anexo dessa monografia, o próximo passo consistiu na escuta de todos os exemplares na íntegra, bem como a realização de anotações pontuais sobre eles para a efeito de descrição e estabelecimento de categorias de análise. Para sustentar o procedimento analítico proposto na introdução desse trabalho, saindo do campo de uma mera exposição e partindo para uma investigação, a análise de conteúdo (AC) foi o aparato teórico-metodológico escolhido em uma decisão conjunta entre pesquisadora e orientador para a exploração do objeto de estudo escolhido.

4.2 Análise de Conteúdo

Visando verificar as técnicas e formatos jornalísticos utilizados pelos podcasts a fim de traçar um perfil da cobertura esportiva do rádio na denominada “era do podcast”, o recurso metodológico da análise de conteúdo foi considerado o mais adequado e será explanado neste subcapítulo. A escolha do mecanismo se deu pelo fato de este ser um método capaz de sistematizar quantitativamente e comparar qualitativamente variáveis, ajudando a “reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 8).

Minayo (2001) explica que a análise de conteúdo possui duas funções primordiais em sua aplicação. A primeira se refere à verificação de hipóteses e/ou questões pré-estabelecidas pela

pesquisa. Ou seja, através dessa metodologia, pode-se encontrar respostas para as hipóteses formuladas antes do trabalho de investigação. A outra função, nas palavras do autor, diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado.

A análise de conteúdo no nível manifesto restringe-se ao que é dito, sem buscar os significados ocultos. Ao nível latente, o pesquisador procura captar sentidos implícitos. Seguidamente a análise de conteúdo parte da informação manifesta no texto para então dirigir-se à intenção que o autor quis expressar, chegando, às vezes, a captar algo de que nem o autor tinha consciência plena. (MORAES, 1999, p. 30).

O que acontece é que, na prática, essas funções se complementam e tornam o aparato metodológico altamente rico.

Para compreender melhor a escolha da análise de conteúdo como metodologia norteadora deste trabalho, Moraes (1999) explica que trata-se de um sistema que permite descrever e elucidar classes diversas de produtos comunicativos, verbais ou não verbais, desde livros, revistas, filmes, entre outros, cujos dados precisam passar por um processo de interpretação e inferências. Por esse motivo, de acordo Laurence Bardin (2011), é um recurso amplamente utilizado nas Ciências Sociais, na qual o Jornalismo está inserido, e pode ser definido como sendo:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Em suma, Bardin (2011) defende que a função primordial da análise de conteúdo é o desvendar crítico da comunicação. Ou seja, de acordo com suas ideias o método foi concebido com o propósito maior de analisar a mensagem não pelo que ela diz, mas pelo que ela quer dizer, isto é, levando em conta as condições de sua produção, considerando o contexto social, político e psicológico em que a comunicação foi produzida ou recebida, estabelecendo relações simbólicas a que os conteúdos a serem analisados se submetem. Contudo, a própria autora afirma que a variedade de resultados obtidos por meio das técnicas da AC não deve ser encarada como prova irrefutável, mas como corroboração, ao menos em partes, daquilo que pressupomos sobre os dados analisados.

Campos (2004) aponta um exemplo clássico com relação a utilização da análise de conteúdo, o uso na interpretação dos artigos da imprensa, sobretudo nos Estados Unidos no

início do século XX, onde houve um maior desenvolvimento dessas técnicas, inicialmente para medir o impacto sensacionalista dos artigos. “O conteúdo de uma comunicação, não obstante a fala humana, e tão rica e apresenta uma visão tão polissêmica e valiosa, que notadamente permite ao pesquisador qualitativo uma variedade de interpretações” (CAMPOS, 2004, p. 612).

Dessa forma, com base nas ideias dos autores citados nos parágrafos anteriores pode-se afirmar que análise de conteúdo tem a inferência como finalidade. No entanto, é importante frisar que a interpretação da mensagem, objetivo a ser alcançado, não efetua-se de forma desnorteada e sem critérios. Pelo contrário, Bardin (2011) organiza os procedimentos de validação sistematizados para a sua efetivação em três grandes etapas.

A primeira, a pré-análise, consiste em organizar todos os materiais que serão utilizados para a coleta dos dados a fim de sistematizar as ideias iniciais e tornar o material mais produtivo. Sendo que, de acordo com Bardin (2011), esta fase compreende:

- 1- Leitura flutuante: É o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas;
- 2- Escolha dos documentos: Consiste na definição do *corpus* de análise;
- 3- Formulação das hipóteses e objetivos: a partir da leitura inicial dos dados;
- 4- Elaboração de indicadores: a fim de interpretar o material coletado;

A pré-análise deste trabalho se deu inicialmente através da leitura de textos documentais relacionados ao rádio e ao jornalismo esportivo, bem como a observação sistemática do objeto empírico, os podcasts de esportes. A importância dessa fase está no sentido de estabelecer contato com a estrutura da pesquisa, bem como descobrir registrar as impressões sobre a mensagem para orientar a análise.

As hipóteses sobre as quais fala Bardin também podem ser estabelecidas nessa fase de pré-análise, como mencionado anteriormente. Porém, a própria autora defende que formulação das mesmas não é obrigatória para se proceder à análise, e, por isso, a presente pesquisa não as considerou previamente. Em conformidade, Moraes (1990) aponta que em uma pesquisa de abordagem qualitativa, construtiva ou heurística, a construção dos objetivos, ao menos em parte, pode ocorrer ao longo do processo. Segundo ele, nesta abordagem, assim como as categorias poderão ir emergindo ao longo do estudo, também a orientação mais específica do trabalho, os objetivos no seu sentido mais preciso, poderão ir se delineando à medida que a investigação avança.

A segunda etapa do método definida por Bardin (2011) é descrição analítica. Para a autora é neste momento em que o material reunido, que constitui o *corpus* da pesquisa, deve ser melhor aprofundado. Nessa fase o investigador além de descrever o material a ser trabalhado tem de buscar encontrar categorias nas quais o conteúdo será organizado e registrado. Trata-se de uma síntese em que as informações disponíveis são classificadas

Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas. Podem ser sintáticos definindo categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos, etc. As categorias podem ainda ser constituídas a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos ou podem ser fundadas em critérios expressivos focalizando em problemas de linguagem (MORAES, 1999, p. 18).

Como posto, as categorias dentro do âmbito da análise de conteúdo são empregadas para se estabelecer classificações. “A palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si.” (MINAYO, 2001, p. 70). Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões ao redor de um conceito abrangente. O importante, na opinião de Minayo (2001), é que as categorias correspondam a critérios que irão garantir a eficácia dos tipos de agrupamento adotados.

Segundo Bardin (2011), é importante ressaltar que a escolha dos dados a serem analisados devem obedecer a orientação das seguintes regras:

- **Exaustividade:** refere-se à deferência de todos os componentes constitutivos do *corpus*. Bardin (2011) descreve essa regra, detendo-se no fato de que o ato de exaurir significa não deixar fora da pesquisa qualquer um de seus elementos, sejam quais forem as razões.
- **Representatividade:** no caso da seleção um número muito elevado de dados, pode efetuar-se uma amostra, desde que o material a isto se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial (BARDIN, 2011).
- **Homogeneidade:** os documentos retidos devem ser uniformes, obedecer critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora dos critérios.
- **Pertinência:** significa verificar se a fonte documental corresponde adequadamente ao objetivo suscitado pela análise (BARDIN, 2011), ou seja, esteja concernente com o que se propõem o estudo. Para Moraes (1999), a amplitude e precisão das categorias estão diretamente ligadas ao número das mesmas: em geral, quanto mais subdivididos os dados e quanto maior o

número de categorias, maior a precisão da classificação. Entretanto, o autor alerta que é preciso considerar que um número grande de classes pode introduzir dificuldades de compreensão. “O objetivo básico da análise de conteúdo é produzir uma redução dos dados de uma comunicação, o que, em geral, exigirá um número reduzido de categorias.” (MORAES, 1999, p. 14)

Assim, depois de realizar a leitura flutuante dos documentos coletados, concluindo a etapa da pré-análise, o próximo passo, como exposto nos parágrafos precedentes, consistiu na sistematização dos resultados através de operadores de análise.

Tendo como fundamento o objeto de estudo aqui proposto, os podcasts esportivos, e levando em consideração os critérios estabelecidos acerca método, foram criadas seis categorias de investigação, divididas em três frentes de análise: qualidade da notícia, critérios de noticiabilidade e critérios específicos do jornalismo esportivo. Dois elementos de cada uma delas foram estabelecidos para compor a categorização analítica. A configuração dos critérios foi assim definida por considerar que uma quantidade elevada de variáveis tornaria o trabalho extenso e exaustivo, levando em consideração que seria possível chegar a resultados semelhantes com recortes simbólicos.

Segue o detalhamento das categorias:

De acordo com os estudos de Christofolletti (2010), certos procedimentos devem ser adotados para que uma notícia apresente qualidade informativa, tais como: a pluralidade de fontes, a apuração de informações e a dosagem de versões nos relatos jornalísticos. Escolhemos dois deles já explicados anteriormente neste trabalho: (A) pluralidade de fontes e (B) apuração.

Em um segundo momento, pensando nos critérios de noticiabilidade definidos por Traquina (2005), que apresentados no capítulo anterior. Escolheu-se (C) objetividade e (D) relevância como operadores fundamentais para satisfazer a análise proposta, a fim de avaliar se os objetos empíricos atendem à, pelo menos alguns, dos valor-notícia exigidos pelo jornalismo.

A terceira frente de análise corresponde à critérios específicos do jornalismo especializado em esportes, também expostos anteriormente. Dos processos definidos por Sousa (2005), (E) narrativa de redenção e superação e (F) resultados inesperados serão observados nos podcasts propostos. O primeiro foi assim definido pelo autor por estar relacionado à umas das premissas essenciais do jornalismo esportivo: a paixão. O segundo, de acordo com o autor, aparece pois há algum tempo o resultado por si só deixou de ser a principal notícia esportiva, cabendo ao inesperado/inusitado o brilhantismo da notícia dessa área.

Concluídas primeira e segunda fase, Bardin (2011) aponta o terceiro e último estágio do método, dedicado ao tratamento dos resultados obtidos. É a fase de análise propriamente dita. As categorias a serem observadas elencadas no item descrito acima consistirão, nesta etapa, no destaque das informações para se fazer uma análise reflexiva e crítica acerca do material, estabelecendo relações com a realidade aprofundando as conexões das ideias. A inferência presente nesta fase é o maior objetivo da utilização da metodologia de análise de conteúdo para Bardin (2011).

5 ANÁLISE

Após compreender o percurso metodológico e explicar melhor o método utilizado para exploração dos dados, a análise de conteúdo, julga-se importante contextualizar e discorrer acerca dos objetos de estudo propostos por essa pesquisa, os podcasts esportivos expostos no capítulo anterior.

Para facilitar a efetivação geral da análise, bem como o acompanhamento por parte do leitor, realizou-se uma descrição do material. Posteriormente, as análises qualitativas são apresentadas no sentido de responder a questão norteadora proposta por este trabalho: “Como o jornalismo esportivo se configura na ‘era do podcast’?”

5.1 Descrição do material e ocorrência das categorias

A seguir serão apresentadas duas edições de cada um dos três podcasts que compõem o *corpus* da monografia em uma descrição analítica, atendendo à proposta recomendada por Bardin (2011), fazendo uma exposição do que se ouve para além daquilo que está explicitado na mensagem. Ou seja, inferências e a verbalização das percepções sobre o objeto foram feitas ao longo do processo e estão inclusas no detalhamento do objeto. A sequência da exposição dos podcasts foi organizada seguindo a ordem alfabética. Já o material de cada exemplar é apresentado neste trabalho obedecendo à cronologia das publicações. Quadros formulados para verificar a ocorrência das categorias de análise acompanham cada episódio dos e serão correlacionados ao final deste capítulo.

5.1.1 Dibradoras

Pode parecer um clichê, mas faz-se necessário apontar que o nome “Dibradoras” surge da urgência em criar um programa que drible a mídia esportiva tradicionalmente masculina. De acordo com informações presente no blog das garotas, seria injusto resumir o “Dibradoras” como sendo um mero podcast de esportes produzido por mulheres. O trabalho da equipe liderada por Roberta Nina e Renata Mendonça envolve buscar o ponto de vista, o ângulo e o lugar da mulher no esporte contemporâneo, falando cada vez mais alto em um país que tão

pouco deu a elas. Nesse canal, todas as vozes são femininas, e elas querem deixar bem claro que esporte é coisa de mulher “sim, senhora!” (DIBRADORAS, 2015)⁹

O programa surgiu em 2015 e vai ao ar semanalmente por meio do Central 3, produtora independente de podcasts, sempre contando com uma convidada especial. As pautas das “Dibradoras” tratam das mulheres em todo o universo esportivo, seja dentro de campo (ou do tatame, da quadra, da piscina) até os bastidores, entrevistando treinadoras, dirigentes, árbitras e jornalistas. (DIBRADORAS, 2015)

5.1.1.1 Edição #119 – Dez anos do ouro olímpico

O programa foi ao ar no dia 23 de Agosto de 2018 e possui duração de 1 hora 8 minutos e 44 segundos. O episódio celebra o triunfo mais significativo do vôlei feminino brasileiro, o primeiro ouro em Jogos Olímpicos. Dez anos antes, no dia 23 de agosto de 2008, a seleção feminina comandada por José Roberto Guimarães subiu no degrau mais alto do pódio em Pequim, depois de muita luta e dificuldades superadas.

Nesta edição, as “dibras” contam com a participação de duas convidadas personagens da conquista: Fofão e Paula Pequeno. Presente no estúdio do Canal 3, a levantadora Fofão, capitã do time em 2008 que defendeu a seleção por 17 anos e que participou de cinco edições de Jogos Olímpicos (1992, 1996, 2000, 2004, 2008). Ao longo da sessão, a jogadora fala um pouco sobre a sua trajetória na seleção brasileira de vôlei, em que amargou o banco de reservas por sete anos, participou de derrotas dolorosas até que, ao lado de outras importantes atletas, enterrou de vez o estigma de “amarelonas” do time de vôlei feminino brasileiro. No decorrer da conversa, é possível notar o mesmo estilo de liderança que exerce nas quadras, um jeito calmo, calculista, silencioso e certo.

Do outro lado da linha, via *Skype*, a vibrante e agitada atacante Paula Pequeno também comenta o caminho dela na conquista, que começou com um trauma sofrido na ausência dos Jogos de 2004, em Atenas, por conta de uma lesão. A jogadora fala como conseguiu superar as dificuldades para chegar com força máxima em 2008 e conquistar a tão sonhada medalha. A recuperação dura e marcada pela pressão psicológica pós lesão foi um dos pontos altos da sua

⁹ Disponível em: <http://www.central3.com.br/category/podcasts/dibradoras-podcast/> Acesso em 26 nov 2018.

participação no programa. Paula demonstra uma personalidade contrária à da colega Fofão, demonstrando-se muito agitada e segura de si.

O episódio se inicia com uma vinheta e uma trilha de entrada. Logo no início as vozes da equipe “Dibradoras” apresentam as entrevistadas, porém não se apresentam a si mesmas e, apesar de ser fácil identificar a mudança no tom de voz quando cada uma fala, não é possível saber quem é que está falando o quê.

As apresentadoras já demonstram um refinado conhecimento em relação ao assunto abordado no programa, expondo suas experiências pessoais com o vôlei. Além do contato vivo como praticantes do esporte, o domínio da temática fica evidenciado em outras falas delas ao longo do episódio, apontando uma pesquisa documental aprofundada para a preparação do roteiro. No decorrer da conversa, as apresentadoras exibem informações ricas e completas, como por exemplo no trecho em que uma delas lista a escalação vencedora no começo do programa e em seguida conta que fez bem a “tarefa de casa”, vendo diversos vídeos e pesquisando diversos artigos na internet e em livros, como a biografia da jogadora Fofão mencionada várias vezes durante o programa.

De acordo com os estudos radiofônicos de Barbosa Filho (2003), o programa aqui explanado insere-se no gênero informativo com o formato de um programa de entrevistas. Para o autor, o programa de entrevistas é conduzido na forma de uma conversa/diálogo, com perguntas e respostas, em que o entrevistador colhe informações, interpretações e opiniões do entrevistado. Esse diálogo por meio de entrevistas pode ser notado por volta dos 6 minutos de programa, em que ao ser questionada sobre o que o ouro olímpico trouxe de marcante para Fofão, a jogadora ressalta o valor do trabalho em equipe do time vencedor; e que apesar de não ser constituído por atletas com excelência individual como as seleções dos anos anteriores, mostra-se forte enquanto grupo. Minutos depois, Paula recebe a mesma pergunta e retoma o raciocínio da companheira de grupo em concordância, dizendo que o que mais a marcou naquele momento foi o grupo. Na opinião da atleta, ver um time de 12 mulheres totalmente plural, o máximo respeito e união o tempo todo entre elas foi crucial para a conquista. “O time estava altamente focado, o sentimento de vitória era muito forte”, comenta.

Por volta dos 20 minutos, um elemento novo é incorporado ao programa, a utilização de um efeito sonoro sinaliza um *flashback*, trazendo uma entrevista realizada em um podcast antigo para fomentar a discussão entre as atletas. O ingrediente traz valor informativo ao programa, pois, a partir dele uma discussão importante é levantada: Fofão comenta a

desvalorização da mulher no esporte, sobretudo na relação com as confederações, contando que a partir da conquista do ouro, elas puderam reivindicar mais direitos dentro do esporte. “Sempre foi jogado pra nós que enquanto a gente não ganhasse alguma coisa, a gente não poderia reivindicar nada”, conta. A fala da atleta entra em conformidade com a visão do projeto “Dibradoras”, que luta pelo lugar da mulher no esporte. Paula completa dizendo que o problema apontado pela companheira existe, mas vai além da questão de gênero. “Por cultura mesmo, o brasileiro ao invés de apoiar pra poder ter o resultado, ele espera o resultado pra poder apoiar. Isso em todas as modalidades”, lamenta.

Aos 34 minutos, a participação de Paula Pequeno caminha para o fim, que precisa se desligar por motivos pessoais. Antes de se despedir, a atleta é questionada sobre suas perspectivas para o futuro quando se aposentar do esporte; ela afirma pensar em trabalhar como comentarista na transmissão televisiva ou na parte executiva pensando em ajudar as novas gerações do vôlei.

A partir dos 35 minutos até o seu final, o programa passa a contar apenas com a participação especial de Fofão, voltando ao formato de entrevista. A atleta fala mais sobre sua carreira, mencionando o tempo que passou no banco de reservas na seleção, afirmando que não os encarou como um tempo perdido, mas sim como um aprendizado. Destacou também sobre seu papel de liderança na equipe campeã e o legado que o time de 2008 deixou para as demais gerações. “A conquista do ouro não deixou dúvida da capacidade do vôlei feminino e provou que, com um grupo organizado e focado, a recompensa vem. O olhar do público mudou. Hoje, as pessoas olham para o vôlei feminino com outros olhos.”, declara.

Já no encerramento, as apresentadoras leem alguns comentários e perguntas do público, permitindo mais interatividade ao programa. Na despedida final elas dão recados sobre a agenda da Fofão e indicam mais uma vez o livro “Toque de Gênio”, biografia da atleta. Encerram agradecendo a convidada e o público e apontando que a *live* do programa fica disponível no Facebook. O episódio se encerra com uma trilha de saída.

A seguir a formulação de uma tabela para sistematizar a ocorrência das categorias ligadas à qualidade da informação apresentadas no capítulo metodológico. Está irá verificar o modo de produção do jornalismo esportivo no episódio, auxiliando na busca por respostas para a questão norteadora da pesquisa. O sistema descrição analítica do episódio - ocorrência das categorias será repetido nos demais exemplares, dispensando uma nova explicação dos procedimentos adotados nas seções subsequentes.

Quadro 1 – Incidência das categorias de análise no episódio 1 do *corpus*.

Categorias	Ocorrência	Prova validativa
Apuração	Sim	Aparece durante as entrevistas, demonstrando pesquisa documental. Por volta dos 5' uma das apresentadoras lista a escalção vencedora do ouro e brinca que fez bem a “tarefa de casa”.
Pluralidade de fontes	Sim	Entrevista com as atletas Fofão e Paula.
Objetividade	Sim	Em nenhum momento as vivências/opiniões das repórteres se coloca acima da fala das entrevistadas.
Relevância	Sim	Aniversário do primeiro ouro olímpico da seleção feminina de vôlei. O tema é relevante para o público do programa, pois traz a questão do esporte ligado à mulher.
Narrativa de redenção e superação	Sim	Paula fala sobre como superou a lesão para chegar às Olimpíadas. Fofão diz a respeito da superação da imagem de “amarelonas” pelas jogadoras brasileiras. “O olhar do público mudou. Hoje, as pessoas olham para o vôlei feminino com outros olhos”, aponta.
Resultados inesperados	Sim	Fofão fala que a seleção, bem como suas atletas, vinham de uma sequência de fracassos em Olimpíadas. A medalha quebra esse paradigma.

4.1.1.2 Edição #117 – Alline Calandrini

O episódio de 44 minutos e 50 segundos que foi ao ar no dia 10 de Agosto de 2018 conta com participação da jogadora de futebol Aline Calandrini, que se despediu dos gramados; a atleta versa sobre o seu futuro dentro da carreira esportiva. Além disso, o programa aborda

questões como a falta de apoio ao futebol feminino, bem como as dificuldades na formação de jogadoras no Brasil. O papo foi transmitido ao vivo via Facebook.

Assim como o outro exemplar do “Dibradoras”, seguindo as explicações da primeira edição, o episódio enquadra-se como sendo um programa de entrevistas, pertencente ao gênero informativo do rádio.

A vinheta e trilha de abertura sinalizam o início do programa, com uma das apresentadoras (novamente, não se apresenta) anunciando e falando um pouco da carreira da convidada, que jogou nos times femininos do Santos e Corinthians. O papo começa com a convidada contando das dificuldades que teve com relação as lesões, que a fez decidir encerrar a carreira nos gramados e partir para novos caminhos. Aos 4 minutos de programa, a outra apresentadora (que também não se apresenta, mas é chamada por Renata pela colega) chega no estúdio e adentra a conversa. Nesse momento, as apresentadoras cometem uma gafe, errando a idade da convidada, mostrando uma apuração de pauta menos preparada do que o do programa descrito anteriormente neste trabalho.

Por volta dos 7 minutos, o assunto do fim da carreira é retomado e Calan conta que após “pendurar as chuteiras” tem tido a oportunidade de trabalhar na TV, em que está comentando os jogos da seleção feminina sub-20 pelo Mundial da categoria na Bandeirantes. “Está sendo uma experiência muito bacana, mas ainda quero conhecer outras áreas do jornalismo, como reportagem, apresentação e etc. Não quero me fixar só como comentarista”, afirma a atleta que começou a cursar Jornalismo ainda enquanto jogava. Como comentarista, a atleta diz que, mesmo sendo uma pessoa que vem do ramo do futebol feminino e que, portanto, tem um conhecimento razoável sobre o assunto e também que tem certa experiência com o Jornalismo por estar estudando há alguns anos, existe a dificuldade de se adaptar. “Informações sobre o futebol feminino é difícil de encontrar até pra quem acompanha, quanto mais pra quem não acompanha. É necessário um estudo muito grande”, declara. Outra dificuldade citada pela ex-jogadora diz a respeito da questão técnica do futebol feminino, que, como apontado anteriormente, tem menos fontes de pesquisa que o futebol masculino. Ela conta que consegue driblar essa barreira por conhecer bem várias das jogadoras brasileiras – suas posições e jogadas – de perto. Contudo, Aline ressalta que um dos problemas do trabalho como comentarista, e não referindo apenas a si mas o trabalho do comentarista ex atleta de um modo geral, é que as críticas feitas durante as transmissões podem ser levadas para o lado pessoal pelas jogadoras que a conhecem.

Em torno dos 20 minutos, o assunto toma os rumos para falar de seleção feminina de futebol. Apresentadoras e convidada compartilham da ideia de que o futebol feminino brasileiro vem caindo de produção. Não pelas derrotas, mas pela postura das jogadoras. Na opinião de Calan, é uma seleção muito dependente do talento individual da Marta e muito pobre enquanto conjunto. O assunto se estende e por volta dos 28 minutos, a convidada declara que a maior dificuldade do futebol feminino em relação ao masculino é a oportunidade das atletas se desenvolverem. “Não se incentiva que as meninas joguem desde cedo nas escolas ou mesmo nas brincadeiras de criança. Não existe escola de base no futebol feminino, nem em clubes referência como o Santos. As meninas começam a treinar muito tarde por aqui. Sou de Macapá e lá eu não tinha onde treinar. Fui de fato mergulhar no futebol com 17 anos,” aponta.

A partir de 33 minutos, abre-se a discussão para o futuro do futebol feminino brasileiro. Calan, apesar de apontar as dificuldades que persistem, sinaliza que o cenário vem melhorando com relação as gerações anteriores, já que atualmente mais clubes brasileiros demonstram interesse em equipes femininas. A ex atleta diz acreditar que as meninas que vem jogando o sub-20 vem se organizando melhor, e frisa que é necessário que treinadores – e confederações – acabem com a cultura dos resultados e passem a olhar mais para o desenvolvimento das equipes, enxergando e concertando problemas.

Aos 40 minutos, uma das apresentadoras lê alguns comentários do público e pede a opinião da convidada sobre a polêmica sondagem¹⁰ do Corinthians, clube pela qual Calan já jogou, do atacante Juninho, jogador que então estava no Sport. O atleta foi indiciado por agressão, ameaça e injúria contra a esposa. A entrevistada avalia como um tiro no pé, pois o clube vem ao longo de sua história alimentando uma cultura anti-preconceitos, lutando contra a homofobia, racismo e machismo.

Aos 43 minutos, o episódio encaminha para o fim, as apresentadoras agradecem a participação da convidada, brincam com as novas perspectivas dela se especializar em Jornalismo, e fazem um convite para que ela faça um “freela” pelo “Dibradoras”, além de convidá-la para o evento esportivo de fim de ano do programa. A vinheta de encerramento apresenta-se como último elemento sonoro.

Quadro 2 – Incidência das categorias de análise no episódio 2 do *corpus*.

¹⁰ Dias depois o presidente do clube, pressionado pela torcida, revogou o interesse pelo jogador alegando que a imagem dele realmente não condizia com os valores do clube.

Categorias	Ocorrência	Prova validativa
Apuração	Sim	Mesmo sendo um programa de entrevistas as apresentadoras não deixam de trazer informações nas perguntas, como a abordagem do vai e vem do mercado corintiano, o que acena uma pesquisa documental.
Pluralidade de fontes	Não	Apenas uma.
Objetividade	Sim	As apresentadoras exprimem opinião no decorrer do programa, mas isso não tira o caráter noticioso do mesmo. A opinião não sobrepõe a informação exposta através da entrevista.
Relevância	Sim	Trazer uma ex jogadora para um programa que aborda a questão do esporte feminino faz-se relevante para o interesse do público-alvo.
Narrativa de redenção e superação	Sim	“Não se incentivava que as meninas joguem desde cedo nas escolas ou mesmo nas brincadeiras de criança. Não existe escola de base no futebol feminino, nem em clubes referência como o Santos. As meninas começam a treinar muito tarde por aqui. Sou de Macapá e lá eu não tinha onde treinar. Fui de fato mergulhar no futebol com 17 anos,” aponta a convidada.
Resultados inesperados	Não	A jogadora sai do mundo dos gramados e segue carreira como comentarista, isso não se configura como inesperado pois muitos outros atletas seguem o mesmo caminho.

4.1.2 Na Trilha

O “NaTrilha” é um podcast que surge da paixão de Lucia Conrado, Renan Cirilo e Rafael Pelissari em compartilhar com os ouvintes experiências pessoais, dicas, informações técnicas e indicações sobre quaisquer esportes que proporcionem contato com a natureza e experiências outdoor, ou seja, todas modalidades esportivas chamadas de radicais ou de aventura. (SOBRE NÓS, 2015)¹¹

Este é o exemplar mais recente dos três podcasts escolhidos para corpus desse trabalho, tendo surgido no fim de 2017, por meio de um blog e sendo geralmente atualizado duas vezes ao mês. Não é incomum o ouvinte se surpreender respondendo mentalmente alguma pergunta, rir sozinho, balançando a cabeça concordando ou não com alguma opinião, pois essa é a proposta do programa em forma de debate. De acordo com os idealizadores, a proposta é ter uma linguagem simples, agradável e leve, para que o público se sinta participando do bate papo. (SOBRE NÓS, 2015).

O “Na Trilha” recebe recursos monetários por meio de financiamento coletivo, através da plataforma Padrim¹². De acordo com a definição apresentada em seu site, o Padrim configura-se como uma plataforma de financiamento coletivo, ou seja, um lugar em que produtores de conteúdo e seus fãs se encontram. Nele os produtores podem publicar seus projetos e convidar seus fãs para tornarem padrinhos e madrinhas, oferecendo um valor mensal para manutenção desse projeto. Assim, os programas podem se profissionalizar, mantendo-se independentes. Esse tipo de financiamento prevê recompensas aos assinantes, que podem ser individuais ou coletivas de acordo com o valor arrecadado. O podcast em questão faz o uso apenas de recompensas individuais, que acontecem em um bloco reservado para a leitura dos nomes dos contribuintes e de seus comentários enviados pelo e-mail do podcast; esse quadro interativo geralmente se localiza na primeira parte dos episódios.

4.1.2.1 Edição #42 – Primeiros Socorros

¹¹ Disponível em: <https://vcnatrilha.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 26 nov 2018.

¹² Site mediador de financiamentos coletivos. Disponível em <https://www.padrim.com.br/natrilhappc>. Acessado em: 25 nov 2018.

O Na Trilha 42, programa que foi ao ar no dia 4 de Março deste ano, é um episódio temático que aborda questões de primeiros socorros para esportistas, principalmente aqueles que praticam esportes radicais, ou seja, o público alvo do podcast.

O capítulo inicia com uma vinheta seguido de uma trilha de abertura e, em seguida, é feito um tipo de *brainstorm* ou “tempestade de ideias”, com várias perguntas espontâneas sobre o assunto base que entrará em questão nos próximos minutos. Infere-se que as perguntas feitas nessa abertura serão respondidas no decorrer do programa.

Dois dos três podcasters que compõem a equipe do “Na Trilha” presidem o episódio, Renan e Rafael, que acontece na forma de debate. Vicente (2002) aponta o debate como sendo um formato radiofônico pertencente ao gênero jornalístico, tendo como característica a união de diferentes personalidades (preferencialmente especialistas) para, mediados por um apresentador, expressarem seus diferentes pontos de vista sobre um ou mais temas.

Os apresentadores se identificam e convocam os três convidados do episódio a fazerem o mesmo. Os convidados da vez são Lorena Sarmento, capitã do Corpo de Bombeiros do Espírito Santo, Coronel Leite, da Força Aérea Brasileira e que também é apresentador do canal “Discovery”, e por último o atleta Redi Siqueira, praticante de esportes *outdoor* e que já participou de outros programas da categoria. Compreende-se que a escolha desses convidados foi assim feita para que trouxesse experiências pessoais tanto de esportistas quanto de profissionais que prestam socorro. Logo após Renan e Rafael fazem um resumo do que o ouvinte pode esperar do programa. “Apresentaremos informações que poderão salvar a sua vida ou de alguém próximo a você na esperança de que não as utilize tão cedo. Afinal, é melhor saber e nunca precisar que não saber e de fato precisar. Vamos falar sobre Primeiros Socorros”, um deles explica.

Encerradas as apresentações do tema e dos convidados, os apresentadores anunciam o quadro “Você na Trilha”, momento do programa destinado à interação com o público, em que são lidos e-mails e comentários dos ouvintes assinantes enviados para o programa. Existe é claro a opção daqueles não interessados em pular essa primeira parte e os apresentadores citam tanto na locução quanto na descrição do podcast a minutagem que o programa se inicia de fato.

Dessa forma, a partir dos 15 minutos, o conteúdo do episódio especial de primeiros socorros tem início efetivo. Renan e Rafael se revezam fazendo perguntas pontuais para os convidados de acordo com suas especialidades, que se interrompem no desenrolar da conversa para complementar ou refutar alguma informação.

Destaque para uma fala da capitã Lorena logo nos primeiros minutos de discussão que guiará toda a conversa ao longo do programa. Ela defende que o conceito de primeiros socorros está ligado ao ato de prestar ajuda e não exatamente a alguma técnica profissional. Assim sendo,

ela diz acreditar que todo mundo está habilitado a prestar os primeiros socorros em qualquer nível para alguma pessoa que está necessitando. “O fato de você fazer uma ligação acionando um serviço de emergência já é uma forma de primeiros socorros”, complementa. A fala pode surpreender o ouvinte que imaginou que o programa falaria apenas de como estancar um sangramento ou imobilizar uma perna quebrada entre outros.

Nota-se a forma como os convidados, mediados por Rafael e Renan, articulam suas respostas com fluidez. Por volta dos 20 minutos, o Coronel afirma que “a Cruz Vermelha já quis instalar kits de primeiros socorros nos estabelecimentos próximos à lugares em que as pessoas costumam praticar esportes *outdoor*, mas devido a uma falta de incentivo e interesse governamental isso não foi levado adiante.” Um dos apresentadores discorda dizendo que talvez não seja falta de interesse, mas falta de procura, uma vez que na opinião dele (como leigo), os acidentes urbanos demandam mais recursos. Lorena prontamente interrompe o papo concordando com o apresentador [aqui não é possível identificar se é Rafael ou Renan, pois as vozes são muito parecidas], e apresenta uma informação que diz que a maioria dos acidentes de esportes radicais acontece na área urbana, com bicicleta e moto principalmente, para validar a fala anterior.

O debate se estende até o fim do programa de uma forma um tanto quanto formal, mas sem deixar de ser divertida e descontraída, com informações e reflexões importantes (como, por exemplo, ao convocar o atleta a estar sempre preparado antes de praticar esportes radicais, usando a prevenção como melhor forma de e pronto atendimento). Além disso, os convidados, especialistas e o esportista, frisam em vários pontos do episódio a questão do bom senso, tanto na prática esportiva quanto no auxílio aos feridos. Isto é, saber quando ligar para uma emergência – e saber para qual tipo de emergência ligar – ser honesto ao responder as perguntas feitas pelos bombeiros de emergência para evitar transtornos e mal entendidos, não praticar esportes radicais sozinho em locais perigosos e outras questões envolvendo o que os membros do debate denominaram corresponder ao bom senso.

Vale destacar que em determinado momento do programa, por volta de 1 hora do *player* rolando, Lorena é questionada sobre algo que não sabe responder imediatamente. Porém, a capitã pesquisa a resposta e envia para a produção do podcast por mensagem após a gravação, que é inserida no programa na edição. A atitude da bombeira demonstra um compromisso com a informação.

Outro elemento deste podcast que vale menção diz a respeito às trilhas de passagem adicionadas pelos produtores na edição. Elas parecem não fazer muito sentido, uma vez que se apresentam de forma aparentemente aleatória, embora sirvam para encerrar uma discussão e começar outra. Além disso, em alguns momentos, essa trilha se sobrepõe a voz da pessoa que está falando, geralmente um convidado e isso atrapalha. É um recurso interessante, mas que poderia ser melhor explorado.

Em torno de 1 hora e 25 minutos, os apresentadores se preparam para o fim do episódio, agradecem a presença dos convidados e citam elementos sobre o assunto que participaram do apanhado de ideias no início do episódio mas que ficaram de fora da dinâmica da edição, sugerindo que uma nova conversa sobre esse assunto poderá surgir no podcast. O programa se encerra em 1 hora e 35 minutos após o pronunciamento de cada convidado, seguido de indicações para suas redes sociais. Uma trilha de encerramento e trechos de conversas que ficaram de fora do podcast, uma espécie de *making off*, fecham a transmissão.

Quadro 3 – Incidência das categorias de análise no episódio 3 do *corpus*.

Categorias	Ocorrência	Prova validativa
Apuração	Não	O programa traz entrevistados, mas não aponta uma pesquisa prévia. Praticamente toda a informação é passada por meio de entrevistas, não nota-se complementos informativos nas perguntas.
Pluralidade de fontes	Sim	Presença de 3 entrevistados, dois especialistas e um personagem.
Objetividade	Sim	Mediadores não colocam convicções/opiniões acima do valor informativo trago pelos convidados.
Relevância	Sim	Para o público-alvo do podcast, praticantes de esportes radicais, trazer informações sobre primeiros socorros tem extrema relevância.
Narrativa de redenção e superação	Não	Não consta.
Resultados inesperados	Sim	A fala da Capitã Lorena no início do programa aponta um resultado inesperado.

		Ela defende que o conceito de primeiros socorros está ligado ao ato de prestar ajuda, em qualquer nível, e não exatamente a alguma técnica profissional específica. A ideia parece quebrar a expectativa tanto dos apresentadores quanto do público que, ao observar o nome do episódio, conclui que o mesmo irá ensinar macetes médicos, quando na realidade sua abordagem está ligada ao ato de prestar ajuda de uma forma geral.
--	--	--

4.1.2.2 Edição #48 – Dicas de Nutrição Esportiva

O episódio 48 do “Na Trilha”, de 1 hora 32 minutos e 45 segundos, foi publicado em 7 de Outubro de 2018. Trata-se um programa temático que aborda de dicas de educação alimentar e nutrição, convidando o ouvinte a se libertar dos preconceitos e convicções sobre o mundo das dietas e dos exercícios físicos.

A vinheta dá início a conversa, seguida de um compilado de perguntas que surgem quando se pensa na temática e que podem ou não respondidas ao longo do programa. Dois membros da equipe, Rafael e Renan, apresentam-se e dão espaço a outros dois convidados especiais que darão um tom técnico à conversa: Renee Caldas, professor de educação física e podcaster do Quatro de 15, e a nutricionista Patrícia Ramos, também podcaster do Papo Delas e Café com Porrada.

Encerradas as apresentações do tema e dos convidados os apresentadores anunciam o quadro “Você na Trilha”, a parte do programa destinada à interação com o público, espaço em que são lidos e-mails e comentários dos ouvintes assinantes enviados para o programa. Existe a opção de pular essa primeira parte e os apresentadores citam tanto na locução quanto na descrição do podcast a minutagem em que o quadro se encerra para que o programa se inicie de fato. Aos 15 e 20 segundos, uma trilha sinaliza esse encerramento e o início do programa temático acontece.

Os apresentadores iniciam o debate, conduzido como um bate papo que oscila entre momentos sérios e divertidos, expondo experiências pessoais, explicando como surgiu a ideia para realizar o programa. Logo no início da conversa o apresentador questiona a nutricionista convidada sobre a importância de se

falar de nutrição. Patrícia, presente nos 17 minutos do *player*, diz que o que se espera com esse tipo de conversa é a quebra de paradigmas pré-existentes no senso comum. A fala da nutricionista é importante porque é a partir dessa premissa que o programa inteiro é conduzido.

Assim, ao longo do programa, os apresentadores tiram dúvidas com os profissionais sobre questões como importância da regulamentação da profissão do nutricionista e do educador físico e a ética de trabalho desses profissionais, dietas milagrosas que surgem o tempo todo, suplementação esportiva, condicionamento físico entre outros. As respostas dos convidados, tirando questões mais pontuais, mantem uma constante: nada pode ser feito sem o acompanhamento de um profissional, pois não existem “receitas prontas” quando o assunto é saúde; cada pessoa tem suas particularidades e deve ser acompanhada da forma mais individualizada possível.

Por volta dos 37 minutos, o educador físico Renee levanta uma questão importante, baseada em um estudo da Universidade de São Paulo (USP) citado por ele, que é a questão da busca pelo emagrecimento. O convidado afirma que muitos procuram optar entre fazer dieta ou exercício físico (que é diferente da atividade física na visão dele, pois essa acontece de forma espontânea) em busca de resultados rápidos. O certo seria, na opinião profissional de Renee e também da nutricionista Patrícia, o combinado entre uma reeducação alimentar acompanhada de hábitos de exercícios regulares.

Outro ponto a ser destacado, presente no minuto 46 do debate, é a questão da suplementação esportiva, que na opinião de um dos apresentadores é o ponto mais chamativo para o público-alvo do podcast. Os especialistas são consultados a respeito dos porquês da existência dessa suplementação e quando ela deve ser usada. A resposta retoma o que os profissionais já haviam falado ao longo do programa: em situações quem envolvem a saúde, nada pode ser usado sem a prescrição e acompanhamento profissional. Patrícia complementa dizendo que a questão da suplementação está altamente ligada aos hábitos alimentares, pois ela somente é necessária quando a comida não consegue oferecer todos os nutrientes que a pessoa necessita para fazer suas atividades, mesmo no caso de atletas.

Enfim, o debate se estende até o 1 hora e 17 minutos de programa com alternâncias de perguntas dos mediadores e do público ouvinte por meio das rede sociais do “Na Trilha”. A partir desse marco, apresentadores e convidados se preparam para a despedida fazendo agradecimentos e indicando suas redes sociais bem como outros trabalhos de podcasts no qual fazem parte. Uma trilha de encerramento e trechos de conversas que ficaram de fora da edição formam uma espécie de *making off* e fecham a transmissão.

Quadro 4 – Incidência das categorias de análise no podcast 4 do *corpus*.

Categorias	Ocorrência	Prova validativa
-------------------	-------------------	-------------------------

Apuração	Não	A informação fica na mão dos convidados, não existe produção de conteúdo por parte dos repórteres.
Pluralidade de fontes	Sim	2 especialistas de áreas distintas, nutricionista e educador físico.
Objetividade	Sim	As informações (fatos) trazidos por meio dos entrevistados não são colocados acima das opiniões destes ou dos apresentadores.
Relevância	Sim	A proposta atende à necessidade do público do programa, esportistas e interessados em esportes, que sempre estão em busca de uma alimentação/suplementação pra auxiliar no rendimento das atividades.
Narrativa de redenção e superação	Não	Não consta.
Resultados inesperados	Sim	Na fala da nutricionista sobre suplementação. Em uma noção de senso comum todo esportista necessita de uma suplementação para render nos esportes. A nutricionista quebra essa ideia, dizendo que essa necessidade não é comum a todos os atletas, sendo necessária apenas quando a alimentação não é suficiente. O trecho surpreende os apresentadores.

4.1.3 Pelada na Net

A iniciativa deste podcast surgiu entre um grupo de amigos no início de 2012 e mescla esporte e humor. Como o nome já sugere, o programa semanal fala sobre futebol e, de acordo com seus desenvolvedores, enaltece a diversão e a emoção de torcer enquanto desencoraja o fanatismo e a rivalidade (MÍDIA KIT, 2018)¹³. Sem papas na língua, os apresentadores usam e

¹³ Disponível em: <http://peladanet.com.br/blog/PeladaNaNet-MidiaKit20180129.pdf>. Acesso em: 26 nov 2018.

abusam dos palavrões; contudo, afirmam que existe um limite no humor e buscam não fazer comentários preconceituosos.

O time do Pelada é liderado por Vitor Faglioni Rossi (o Príncipe Vidane, *host*, editor e imitador) em parceria com os amigos Eduardo Renan Araújo (o Dudu, que também comanda o “Futirinhas”, um dos maiores canais de futebol no YouTube), Rafael Clerici (o Pépe, também do “Futirinhas”), Fellipe Faglioni (o Pade), Alexandre Velloso (desenhista e animador do “Rebosteio”, um canal de humor também do YouTube), Carlos Tourinho e Maurício Faccio (o Mau, radialista e membro do blog “Jovem Nerd News”). Vez ou outra, os peladas também recebem convidados de outros projetos. (MÍDIA KIT, 2018)

Apesar de se denominarem como um podcast de futebol, dentro do blog do Pelada existe uma série especial chamada “Intervalo”, em que são abordados outros assuntos de livre escolha. Esse e outros recursos extra são frutos do sistema de financiamento coletivo utilizado pela equipe – *PicPay* e do *Padrim* – e que trabalham com a lógica de recompensas, coletivas ou individuais. Isto é, o ouvinte contribui financeiramente com o projeto e recebe gratificações de acordo com o valor doado. Uma das formas de recompensa realizadas pelo programa é a produção desses conteúdos a mais, como o já citado “Intervalo”, e outros recursos extra como vídeos no YouTube, *lives* durante a realização do programa e jogos interativos para movimentar o público e estimular a audiência.

Outra forma de recompensa utilizadas, aqui já tratando das recompensas individuais, correspondem a blocos dentro do podcast em que os apresentadores leem o nome de alguns contribuintes bem como cartas e comentários enviados para a produção do Pelada. Infere-se que o sistema de financiamento do programa seja satisfatório, uma vez que eles apresentam diversos recursos extras em sua programação.

Salienta-se que o Pelada na Net é dividido em blocagens e não existe uma estrutura rígida para que estes se organizem dentro do tempo estimulado para o episódio. Geralmente, no primeiro bloco se faz um apanhado dos jogos da rodada com comentários da mesa, seguido do segundo bloco, o chamado “Bloco das Rapidinhas”, em que assuntos que foram pauta na semana são comentados rapidamente, como o nome já sugere. O terceiro é o Bolão, quadro em que os membros da mesa da semana fazem suas apostas para os próximos jogos das competições de futebol. Os blocos subsequentes são recompensas individuais e coletivas, já citadas no parágrafo anterior. Em um primeiro momento, acontece leitura de e-mails dos ouvintes, comentários deixados na página do Pelada e a citação de nomes dos colaboradores do

programa vem em seguida. Ao final das edições, uma recompensa coletiva usual é a presença de *gameplays* (geralmente jogos de perguntas e respostas) envolvendo os convidados da semana.

4.1.3.1 Edição #337 – O Cheirinho Está De Volta

O Pelada 337 foi o segundo programa pós Copa do Mundo Fifa do podcast, entregue aos ouvintes do dia 10 de Agosto de 2018 com a duração de 1 hora 9 minutos e 2 segundos. O episódio apresenta-se na forma de uma mesa-redonda, que de acordo com Reis (2010) é um formato que permite a participação de vários entrevistados, os quais dão informações, fazem interpretações e expressam opiniões a respeito dos fatos, num diálogo entre os participantes e o apresentador, que orienta e disciplina a discussão. A mesa-redonda, na visão do autor, pertence ao gênero informativo do rádio.

A mesa conta com a presença de três membros da equipe do “Pelada”: o mediador Príncipe Vidane, acompanhado de Zé Ferreira e Rafa Louzada. As vozes articularam sobre a rodada das competições Sul-Americana e Libertadores e um jogo solitário do Brasileirão que acontece no meio da semana, além de abordar o vai e vem do mercado futebolístico e o fechamento dos canais de comunicação Esporte Interativo.

O programa começa com mediador Príncipe Vidane fazendo sua habitual e bem humorada imitação do narrador esportivo Galvão Bueno para apresentar os membros que compõem o episódio da semana. Pode-se dizer que a conversa entre os participantes flui desde o início, que conversam entre si de forma descontraída.

Os primeiros minutos do episódio não trazer valor informativo a respeito do esporte, os membros da mesa comentam sobre um evento da equipe do programa que aconteceu durante a semana que se passou. Em certo momento, nota-se a presença de uma publicidade do bar frequentado por eles.

Em torno de 6 minutos do *player* rolando é que começa o programa de fato. O primeiro bloco é apresentado; nele, o mediador anuncia o jogo do Brasileirão que aconteceu no meio da semana, Santos 1 x 1 Ceará. Vidane faz um resumo do jogo e pede comentários dos outros dois membros da mesa, que criticam a postura do time do Santos até o momento do campeonato e discutem sua posição na tabela.

Por volta dos 10 minutos, a mesa gira e começam a tratar de futebol internacional. Primeiro, a respeito dos jogos “de volta” da Copa Sul-Americana. O mediador, ao mesmo estilo mencionado anteriormente, resume os jogos a serem comentados pelos colegas: Peñarol 1 x 4 Atlético Paranaense, e Cerro 1 x 1 Bahia são os jogos discorridos. Neste momento um problema: os comentaristas demonstram não terem se preparado para o programa, admitindo não ter assistido aos jogos, dando apenas pitacos superficiais sobre as situações dos times baseados no senso comum que já possuem.

Aos 14 minutos, o assunto da vez é a Copa Libertadores. Dessa vez, os comentaristas confirmam ter assistido as partidas e a conversa ganha mais corpo ao falar dos jogos da copa que já haviam se encerrado até o momento da gravação do programa. Estudantes 2 x 1 Grêmio é o primeiro a ser analisado. Como de costume, Príncipe Vidane apresenta o resumo do jogo e também comenta sobre uma declaração irritada do técnico do Grêmio, Renato Gaúcho, após a derrota para a equipe argentina. Segundo a informação dada pelo mediador, o treinador Renato declarou falta garra à equipe para sair com a vitória, mas os peladas avaliaram as palavras do técnico como sendo um pouco duras e apostaram em uma boa vitória no jogo de volta, na Arena do Grêmio. Eles também cravaram o time gaúcho como um dos favoritos da competição.

Os comentários sobre Colo Colo 1 x 0 Corinthians vieram em seguida. O humor foi utilizado para satirizar o mau resultado na Libertadores; um dos comentaristas brinca fazendo o trocadinho “a derrota caiu no colo do Corinthians”. Contudo, ambos apostaram que o Corinthians conseguiria reverter o resultado em casa na próxima rodada.

Aos 20 minutos, a mesa chega ao jogo mais importante da semana. Flamengo 0 x 2 Cruzeiro, pela Copa Libertadores, despertou mais uma vez o bom humor, o mediador brinca dizendo que o “cheirinho voltou”, referindo-se a gafe fruto da empolgação da torcida carioca em 2016, que dizia sentir um “cheirinho de título” quando a equipe rubro-negra ocupava segunda posição do Campeonato Brasileiro. Os comentaristas do programa zombam dizendo que a partir daquele momento o Flamengo se propôs a fracassar em todas as competições grandes que participasse e que até o momento está conseguindo cumprir a missão. O momento foi tão marcante que foi mencionado no título da publicação. Não precisa nem dizer que eles apostaram no Cruzeiro como favorito para o duelo. Além disso, elogiaram a atitude do técnico do time mineiro, Mano Menezes, pelo revezamento de jogadores feito ao longo das 3 competições que o time vem disputando, Libertadores, Brasileirão e Copa do Brasil, algo que vem dando gás à equipe nas fases finais dessas competições.

Aos 23 minutos, o primeiro bloco é encerrado com uma trilha de passagem e o segundo bloco, das Rapidinhas, é anunciado. Príncipe Vidane, o apresentador e mediador, divide o bloco em cinco polêmicas da semana que serão comentadas pelos membros da equipe. A primeira delas é a contratação do goleiro campeão da Copa, o francês Courtois, pelo time espanhol Real Madrid. A segunda ainda tratando sobre o vai e vem do mercado e do interesse em contratação de um atacante controverso que já teve passagem pelo Brasil, o peruano Paolo Guerreiro, pela equipe da Inter de Milão. A terceira rapidinha coloca em pauta um outro “jogador problema”, Juninho, atual atacante do Sport, que é sondado pelo Corinthians. Os participantes comentam que o clube recebeu críticas da torcida pelo fato do atleta estar envolvido em polêmicas machistas, sendo condenado pela Lei Maria da Penha. A mesa concorda com a torcida corintiana e avaliam a atitude do clube como inconsequente, uma vez que vem criando um histórico de campanhas que lutam injustiças e preconceitos. “Sport e Ceará rejeitaram o jogador justamente pelo problema que ele é”, comenta um dos membros.

Ainda no bloco das rapidinhas, é discutido os indicados pela *web* a melhores jogadores da *Champions League*. Dentre os listados, está Lionel Messi, e a equipe do programa avalia a indicação da estrela com injusta, visto que jogadores como Firmino e Mané, do Liverpool, foram melhor e deveriam ser melhor valorizados da opinião deles. A última rapidinha comenta o fim dos canais Esporte Interativo na TV, que passam a transmitir os jogos por meio de canais alternativos como a TNT e também pela internet (no *EI plus*). A mesa não entra em méritos se a decisão é boa ou ruim, apenas cita o fato.

Aos 35 minutos, o programa abre um novo bloco, denominado “Papo Visado da Semana”. O mediador, Vidane levanta um assunto que “bombou” na Internet nos últimos dias, uma polêmica envolvendo uma questão de paternidade bastante comentada no Twitter. O bloco não mostra conexão com a proposta do podcast, o futebol, servindo apenas para provocar humor.

Aos 40 min, abre a trilha para a anunciar o bloco do Bolão. Neste bloco, o podcast conta com recursos sonoros como vozes modificadas, de forma mecânica e computadorizada, para criar personagens que dão identidade ao momento. Vitor, que antes tinha como personagem o Príncipe Vidane, modifica sua voz para compor o personagem “Testostirinhas”. A voz computadorizada do Google Tradutor também é utilizada para anunciar apostas de participantes que não se fazem presente na mesa. O bloco inicia com o anúncio da classificação do bolão dos membros do programa até o momento e abre novas apostas.

Na marca de 45 minutos, uma nova trilha anuncia o bloco das Cartinhas, em que os membros leem e respondem “cartas” enviadas por ouvintes para o e-mail do programa. Neste momento, Vidane fala sobre os métodos de financiamento do programa: divulga a publicidade da loja de canecas do Pelada na Net e anuncia o financiamento coletivo que eles utilizam, por meio do *Padrim*¹⁴ e *PicPay*¹⁵, aproveitando para pedir contribuições para que o programa consiga realizar outros projetos fora do podcast. Em seguida, marcando 52 minutos no player, e com a mesma proposta do bloco anterior, começa o “Comentrouchas”, em que cada membro da mesa separa dois comentários de ouvintes deixados na página da semana anterior para serem lidos.

O podcast Pelada na Net chega ao fim aos 58 min com uma trilha de encerramento. Os elementos que vem após esse tempo são considerados extras. De 58 minutos a 1 hora e 3 minutos, são anunciados, nome por nome, os colaboradores do programa que contribuíram com 10 reais ou mais. A proposta faz parte das recompensas individuais anunciadas em decorrência do financiamento coletivo. De uma 1 hora e 3 minutos em diante, é apresentado o “Testotirinhas Show”, conteúdo extra de ação coletiva que corresponde a um *quiz* com os membros que participaram da mesa liderado pelo personagem Testotirinhas.

Quadro 5 – Incidência das categorias de análise no podcast 5 do *corpus*.

Categorias	Ocorrência	Prova validativa
Apuração	Não	É notada a presença de pesquisa documental pelo mediador, mas as informações repassadas são apenas cópias de outros portais de notícia acrescidas de comentários da mesa, não existe produção/apuração própria.
Pluralidade de fontes	Não	Os dois convidados da mesa não apresentam-se como fontes, apenas comentaristas.
Objetividade	Não	A opinião dos membros da mesa-redonda se sobrepõem ao valor informativo apresentado no programa.

¹⁴ Site que media financiamentos coletivos. Disponível em: <https://www.padrim.com.br/PeladaNaNet>. Acesso em: 25 nov 2018.

¹⁵ O *PicPay* é um aplicativo disponível para download em celular *Android* e *iPhone* (*iOS*) que funciona como uma carteira digital. O programa permite fazer compras pelo smartphone com cartão de crédito ou valor de transferência. (TECHTUDO, 2017).

Relevância	Sim	A maior parte do programa atende às necessidades do público-alvo, trazendo informação e comentários sobre futebol.
Narrativa de redenção e superação	Não	Não consta.
Resultados inesperados	Sim	A derrota do Grêmio, considerado como favorito na competição pela equipe do programa é um exemplo.

4.1.3.2 Edição #339 – Valeu, Árbitro de Vidro

O episódio do dia 24 de Agosto faz um apanhado da rodada do Brasileirão e conta com a participação de outros podcasters do ramo. O programa de 55 minutos e 56 segundos apresenta-se no mesmo formato de mesa-redonda denotado na seção anterior. O exemplar inicia com o mediador, Príncipe Vidane, expondo os membros que irão compor a mesa: o prata da casa Fellipe Faglioni (Pade), e Bruno Gunter, convidado especial de outro podcast, o Podtrash. Os primeiros minutos da conversa são destinados a agradecimentos e comentários a respeito do evento de aniversário do “Pelada na Net”.

A discussão propriamente dita começa por volta de 5 minutos, colocando em pauta os jogos da rodada do meio de semana do Campeonato Brasileiro. O papo, no mesmo estilo explicado na descrição do programa anterior, foi conduzido pelo resumo do mediador seguido de comentários dos convidados. Os seguintes jogos foram discutidos no bloco: o empate em 1 a 1 do líder São Paulo e o fraco Paraná, a quinta vitória consecutiva do vice-líder Internacional sobre o Bahia por 1 a 0, a derrota do Corinthians contra o Fluminense por 1 a 0, o empate em 1 a 1 entre Grêmio e Cruzeiro, além dos triunfos de 2 a 0 para Palmeiras sobre o Botafogo e América-MG em cima do Sport. Neste bloco, chama a atenção o mesmo observado no primeiro episódio do podcast analisados, os membros da mesa demonstram pouca apuração para comentar o programa, admitindo não ter assistido nem pesquisado a maioria dos jogos.

Aos 9 min, devido a problemas técnicos com o microfone, o convidado Bruno se desliga da chamada e é substituído por Cafeína, uma podcaster que faz o programa Papo Delas. Com Cafeína, a discussão da rodada ganha força, pois, apesar de admitir também não ter assistido

aos jogos, a São Paulina conduz a discussão para a classificação dos times na competição, liderada pelo seu time do coração.

Aos 14 minutos, ainda no primeiro bloco, uma situação engraçada vem à tona. Vidane conta que o zagueiro Gum, autor do gol que deu a vitória do Fluminense sobre o Corinthians, agradeceu a presença do “árbitro de vidro” em um lance do jogo, referindo-se ao recurso do árbitro de vídeo, aquisição recente de algumas competições. A confusão na pronúncia e o fato do árbitro de vídeo ainda não ser utilizado no Brasileirão levou os membros da mesa ao delírio, que de tanto rirem decidiram homenagear o ocorrido no nome do episódio. Em seguida, a discussão parte para uma possibilidade de queda do clube paulista para a série B. Por fim, já aos 17 minutos de programa, a convidada Caféina apresenta a informação de uma declaração do técnico Renato Gaúcho, que diz não querer ser mais chamado pelo apelido, e sim pelo nome completo. Os colegas respondem com sarcasmo e palavrões e encerram o primeiro bloco.

Aos 18 minutos, uma mudança de trilha sinaliza o início do bloco das Rapidinhas, que consiste na apresentação rápida de cinco assuntos polêmicos que aconteceram na semana. O primeiro deles corresponde ao interesse do Vasco na contratação de Alberto Valentim, o treinador lindo nas palavras dos membros da mesa. A segunda rapidinha diz que a justiça suíça revoga o efeito suspensivo requerido pela defesa do jogador Guerrero, indiciado por doping, decidindo que o jogador não poderá mais atuar – nem mesmo treinar – no Brasileirão de 2018. A terceira rapidinha também corresponde à problemas com as leis: José Maria Marin, ex presidente da CBF, é condenado a 4 anos de prisão por crimes de corrupção pela justiça americana. O mediador Vidane interrompe para fazer um comentário que confirma que a pesquisa prévia para o programa vem de notícias de outros veículos. “Quero trazer a informação que estava na notinha da notícia que eu li. Durante o julgamento ele chorou.”, conclui em tom de sarcasmo. A quarta rapidinha mais uma vez traz polêmicas envolvendo a justiça, dizendo que Moisés Ribeiro, jogador da Chapecoense, é punido por doping. Para finalizar, a última rapidinha apresenta a convocação do Tite para os próximos amistosos da seleção brasileira. Aqui, nota-se uma interação maior do mediador com a mesa durante o bloco, que elogia e também questiona os convocados, trazendo alguns nomes que poderiam ter sido convocados e fomentando o debate.

Por volta de 29 minutos, começa o terceiro bloco do programa, o Bolão. A partir daqui, o programa passa a repetir um padrão, que já foi exposto na descrição do episódio anterior. Salvas as particularidades como por exemplo a mudança dos jogos e dos apostadores do Bolão.

Aos 36 minutos, Vidane anuncia o bloco das Cartinhas, em que os membros leem e respondem “cartas” enviadas por ouvintes para o e-mail do programa. Ele relembra sobre os métodos de financiamento do programa: divulga a publicidade da loja de canecas do Pelada na Net e anuncia o financiamento coletivo que eles utilizam, por meio do *Padrim* e *PicPay*, aproveitando para pedir contribuições para que o programa consiga realizar outros projetos fora do podcast. Aos 38 minutos, começa o “Comentrouchas”, bloco em que cada membro da mesa separa dois comentários de ouvintes deixados na página da semana anterior para serem lidos.

O podcast Pelada na Net chega ao fim aos 46 min com uma trilha de encerramento. Os elementos que vem após esse tempo são considerados extras. De 46 minutos a 50 minutos, são anunciados, nome por nome, os colaboradores do programa que contribuíram com 10 reais ou mais, assim como realizado no episódio anterior analisado. Dos 50 minutos em diante é apresentado o “Testortirinhas Show”, conteúdo extra de ação coletiva que corresponde a um *quiz* com os membros que participaram da mesa liderado pelo personagem Testostirinhas.

Quadro 6 – Incidência das categorias de análise no podcast 6 do *corpus*.

Categorias	Ocorrência	Prova validativa
Apuração	Não	As informações apresentadas são produzidas por terceiros, ou seja, não há apuração e produção de notícia própria.
Pluralidade de fontes	Não	Convidados da mesa não trazem informações novas, não podendo ser considerados fontes, mas sim comentaristas.
Objetividade	Não	A opinião dos membros da mesa-redonda se sobrepõem ao valor informativo apresentado no programa.
Relevância	Sim	A exposição resultados e informações sobre futebol torna-se relevante para o público-alvo do programa.
Narrativa de redenção e superação	Não	Não consta.
Resultados inesperados	Sim	A convocação de Tite, treinador da seleção brasileira, durante o bloco das rapidinhas pode ser considerada um resultado inesperado, pois

		alguns nomes convocados são questionados pela mesa, ao mesmo tempo em que são apontados outros possíveis jogadores.
--	--	---

4.2 Resultados

A busca por respostas à nossa questão central “Como o jornalismo esportivo se configura na ‘era do podcast’?”, impulsionou-nos a sistematizar e quantificar a presença das categorias de análise em seis tabelas distintas. Os resultados mostram características e marcas presentes nos episódios dos três podcasts sobre esportes definidos como amostragem para essa pesquisa.

Definiu-se no capítulo metodológico que as categorias de análise atenderiam à três frentes que relacionam entre si. A primeira delas está ligada à qualidade da notícia, seguindo indicadores apontados pelo teórico Christofolletti (2010): (A) apuração e (B) pluralidade de fontes. A primeira foi observada apenas em um dos canais analisados, em ambos episódios examinados desse podcast. Somente o “Dibradoras” demonstrou compromisso com um dos atributos básicos defendidos por Christofolletti (2010) como qualificadores da informação. Nos demais essa categoria encontra-se no estágio de insuficiência, pois mesmo quando apresentem uma pesquisa documental prévia, a informação não aparece como produção própria. Ou seja, não passou pelo processo de checagem por parte da equipe. No “Na Trilha” a função informativa aparece muito mão dos entrevistados e no “Pelada na Net” os exemplares noticiosos são retirados de outros veículos de forma crua.

A categoria (B) pluralidade de fontes se faz presente nos episódios 1, 3 e 4 do *corpus*, ainda no campo da qualidade da notícia. O primeiro episódio do “Dibradoras” analisado por esse trabalho traz duas fontes diferentes, contudo nota-se que ambas pertencem ao mesmo grupo simbólico: jogadoras. Os outros dois episódios em que se observa a diversificação de fontes pertencem ao “Na Trilha”, contando com três e duas fontes respectivamente. Aqui também é importante ressaltar que apenas no episódio 4 do *corpus* existe, além da pluralidade de fontes, uma diversidade de opiniões. Refere-se ao podcast sobre primeiros socorros, em que além de especialistas da área (bombeiros) existe a presença de uma fonte personagem, um esportista. Nos demais as fontes são de áreas semelhantes.

Partindo para a segunda frente de investigação, que diz respeito aos critérios de noticiabilidade defendidos por Traquina (2005), apontamos (C) objetividade e (D) relevância, a fim de atestar se os episódios atendem às premissas mais básicas do gênero informativo. A objetividade, a qual Traquina (2005) avalia como um procedimento que os jornalistas utilizam para assegurar a credibilidade da notícia, não sobrepondo a opinião aos fatos, está presente nos quatro primeiros episódios apresentados. Apenas os exemplares do podcast “Pelada na Net” não atestam a ocorrência dessa categoria. Estes colocam a interpretação dos fatos acima do valor informativo. Relacionando com a teoria apresentada ao longo desse trabalho percebemos que o “Pelada” vai de encontro àquilo percebido por Pessoa (2012) no radiojornalismo dos anos 1960, em que surgem programas que começavam a oscilar entre o gênero jornalístico e o entretenimento, como o programa humor Show de Rádio, da “Panamericana”. Não coincidentemente foi possível notar, durante a descrição do material, que o “Pelada na Net” segue semelhante caminho: recorre ao humor como fator de audiência.

Passando para a análise da categoria relevância, percebemos que esta obteve participação massiva nos programas analisados, estando presente em todos eles. Essa unanimidade sinaliza que, mesmo que os podcasts esportivos analisados não estejam acordo com as normas esperadas do gênero jornalístico eles apresentam relevância para o seu público.

A terceira, e última, frente de investigação, a específica do jornalismo esportivo sinalizada por Sousa (2005), aponta dois parâmetros: (F) narrativa de redenção e superação e (G) resultados inesperados. Observando a incidência da categoria (F) narrativa de redenção e superação, nota-se novamente que apenas o podcast “Dibradoras”, em seus dois episódios, sinaliza sua presença. Os demais não apresentam conteúdo suficiente para considerar a classe satisfatória. Em contrapartida, (G) resultados inesperados, assim como a relevância assinala-se em todos os programas analisados.

5 CONSIDERAÇÕES

Diante de um cenário de convergência midiática, em que o rádio precisou se reinventar em busca de sua audiência, surgiram podcasts que, pelo seu caráter segmentado, atendem à uma demanda específica de público. Os exemplares analisados por este trabalho pertencem ao gênero jornalístico de esportes, considerando que este constituiu um dos pilares da radiodifusão em toda a sua história.

No capítulo um, discorremos sobre essa convergência das mídias, que proporcionou a reconfiguração dos meios de comunicação tradicionais. A construção desse capítulo se preocupou especialmente com uma exposição teórica que apresentasse as mudanças vivenciadas pela mídia, a fim de compreender os novos formatos que não param de surgir através da tecnologia. A exposição desse conteúdo se fez importante por explicar alguns conceitos como convergência e *podcasting* que, embora circulem pelo no nosso dia-a-dia, não são assimilados de forma concisa.

Já no capítulo dois, apresentamos um recorte histórico de diversas questões que fazem entender o meio jornalístico: os critérios para que um fato se verifique como notícia e a necessidade da segmentação da área em editorias, em especial tratamos o jornalismo esportivo, matéria prima para análise proposta por esse trabalho. Dentro dessa sessão abordamos o desenvolvimento do esporte no radiojornalismo, fazendo um pequeno panorama dessa antiga relação até os dias atuais. A apresentação do assunto atende à um dos objetivos específicos apresentados na Introdução dessa monografia, que preocupa-se com em avaliar a importância do esporte na audiência do rádio ao longo de sua história no Brasil. Também neste capítulo atendeu-se o objetivo da enumeração de características necessárias para a construção da informação esportiva de qualidade, utilizando autores como Christofolletti (2010), Traquina (2005) e Sousa (2005). A sistematização dessas características foi importante na execução da análise dos objetos empíricos.

Partindo para a avaliação da análise construída a partir dos conceitos de Bardin (2011), item mais importante deste trabalho, é possível fazer um balanceamento dos resultados, em que percebe-se que o jornalismo esportivo vem sendo construído na “era do podcast” de forma extremamente plural e diversificada e, de forma geral, sem muito rigor técnico, algo que não era difícil de se supor, uma vez que estes inserem-se no contexto de tecnologias altamente plurais e interativas. Isso significa que, seria ilusório esperar que os episódios listados atendessem com rigor à todas as técnicas que qualificam uma informação, esportiva ou não,

como satisfatória. Na cultura de convergência lidamos com produção de conteúdo por parte de comunicadores, mas também pelos consumidores, como alertou Herschmann e Kischinhevsky (2008), portanto, sabendo que estes exemplares seguem pelo menos alguns dos critérios esperados (caso da relevância e resultados inesperados, que tiveram presença massiva), podemos entender que existe um cuidado com a construção das narrativas, por mínimo que esse cuidado seja.

Questões específicas dos podcasts esportivos investigados também vale a pena serem expostas. Analisando criticamente o material e compreendendo a ocorrência das categorias de análise conseguimos concluir que um dos três exemplares que compõem o *corpus* da pesquisa, o podcast “Dibradoras”, apresentou um rigor maior às técnicas fundamentais da atividade jornalística – e do jornalismo esportivo. Partindo do que Bardin (2011) diz sobre olhar para além do explicitado na mensagem, não nos surpreende investigar e descobrir que as apresentadoras desse podcast são de fato jornalistas (algo que não foi exigido no momento da escolha dos objetos).

Também é pertinente destacar os resultados observados a partir do podcast “Pelada na Net”, que esteve em baixa perante à ocorrência das análises sistematizadas. Contudo, relacionando o capítulo teórico de que relaciona o radiojornalismo ao esporte, percebemos que mesmo que este não apresente-se em conformidade com grande parte daquilo que se espera de um programa jornalístico dedicado aos esportes, o exemplar encontra compatibilidade com programas radiofônicos consagrados, que buscavam mesclar entretenimento (através do humor) com informação.

Enfim, os resultados aqui obtidos despontam possibilidades de realização de outras iniciativas analíticas que confluam com as constatações deste trabalho. Com a realização desta pesquisa não nos propomos a esgotar as discussões, mas sim almejamos ampliar ainda mais as possibilidades de questionar a qualidade informativa presente nos diversos exemplares de podcasts que circulam pela rede, sejam eles de qualquer especialização.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Ana C.; MAGNONI, Antônio F. **Rádio e internet:** recursos proporcionados pela web, ao radiojornalismo. In: FERRARETO e KLÖCKNER (orgs). E o rádio? novos horizontes mediáticos. Edipucrs: 2010.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo.** São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIANCO, Nelia R. Del. **A Internet como fator de mudança no jornalismo.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXVII, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>. Acesso em 20 de nov 2018.

BIANCO, Nelia R. Del (org.). **O rádio brasileiro na era da convergência.** São Paulo: Intercom, 2012.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de Análise de Conteúdo:** ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Ver Bras Enf, v. 57, n. 5, p. 611-614, 20114.

CARVALHO, Joana. **Jornalismo Esportivo.** In: PENA, Felipe (org). 1000 perguntas: Jornalismo. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de São, 2005.

CARVALHO, Paula Marques. **Processo de Criação de Podcast:** análise dos recursos criativos do podcast, 2014. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=56238> Acesso em 26 out 2018.

CASTRO, Gisela G. S. **Podcasting e consumo cultural.** In: XIV Compós, 2005, Brasília. Anais do XIV Encontro Anual da Compós. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Indicadores da qualidade no jornalismo:** Políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros. In: Debates CI Unesco, nº 5, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189915por.pdf> Acesso em: 26 nov 2018.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Possibilidades de convergência tecnológica:** pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. 30º Congresso Brasileiro de Comunicação. Santos, 1º set. 2007. 15f. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio:** teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Arthur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e convergência:** uma abordagem pela economia política da comunicação. Revista Famecos, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 3, p. 172-180, set.-dez. 2010. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/8185/5873>

Acesso em 26 nov 2018.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente:** como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristovão: Editora UFS, 2005.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa.** 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. “A ‘geração podcasting e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento”. Anais do XVI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), Curitiba, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura da portabilidade:** Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. Observatório (OBS*), Lisboa: v.3, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda: Convergência digital e novos desafios na radiodifusão.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo, MODESTO, Cláudia F. **Interações e mediações Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica.** Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, p. 12-20, 2014.

LIMA, Carlos Guilherme C. **Da emoção à descrição: a história da narração esportiva pelo rádio.** In: Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro, Guarapuava. Anais. Guarapuava: Unicentro, 2011.

LOPES, Rafael da Costa. **A construção do personagem no jornalismo esportivo.** In: Universitas: Arquitetura e Comunicação Social, Brasília, v. 12, n. 2, p. 39-48, 2015.

LUIZ, Lucio (org.). **Reflexões sobre o Podcast.** Rio de Janeiro, Marsupial Editora, 2014.

MADUREIRA, Paulo; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cartografando a narração esportiva radiofônica: Um panorama preliminar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.** Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 06, n. 02, pp. 195-218, jul./dez. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo.** Revista Educação. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argomg.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html
Acesso em: 11 out de 2018.

MOTA, Isis Mendes. **Jornalismo esportivo de saia: A participação feminina no Jornalismo Esportivo.** Monografia. Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013.

NEUBERGER, Rachel S. Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias.** Cruz das Almas – BA: UFRB, 2012.

OSELAME, Mariana. **Padrão Globo de Jornalismo Esportivo.** Sessões do Imaginário. PUCRS: Porto Alegre, 2010.

PESSOA, Rodrigo Turati. **Observatório do esporte: uma abordagem diferenciada no jornalismo esportivo no rádio.** 2012. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em

Comunicação Social – habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/120549> Acesso em 24 nov 2018.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, n. 13, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf> Acesso em 26 nov 2018.

REIS, Clóvis. **Taxonomia dos gêneros jornalísticos no rádio: proposta de uma nova tipologia**. Comunicação & Sociedade, v. 32, n. 54, 2010.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SAAR, Cláudia M. **A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação**. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Manaus, set. 2013. Trabalho apresentado no DT de Comunicação audiovisual do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação.

SILVA, Matheus K. B. **Critérios de noticiabilidade: uma análise de conteúdo do caderno de esportes do jornal Zero Hora**. 62f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. 2009. 91f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento**. 2005.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica**. Recife: Tese de Mestrado em Comunicação Social – Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

STYCER, Mauricio José. **Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão**. Santos: XXX Congresso Brasileiro da Intercom, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, Ed. 2, 2005: Porque as notícias são como são.

UNZELTE, Celso Dario. **Jornalismo Esportivo: relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.

UNZELTE, Celso Dario. **Futebol em revista no Brasil: dos primeiros títulos à resistente Placar**. 2015. 227 f. Dissertação (Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero / Programa de Mestrado em Comunicação, São Paulo, 2015.

VICENTE, Eduardo. **Gêneros e formatos radiofônicos**. São Paulo: USP, 2002. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4327572/mod_resource/content/1/G%C3%AAneros%20Radiof%C3%B4nicos.pdf Acesso em: 24 nov 2018

ANEXOS

ANEXO A

Episódios do podcast “Dibradoras”

Edição #119 – Dez anos do ouro olímpico

Link: <http://www.central3.com.br/dibradoras-119-dez-anos-do-ouro-olimpico/>

Edição #117 – Alline Calandrini

Link: <http://www.central3.com.br/dibradoras-117-alline-calandrini/>

ANEXO B

Episódios do podcast “Na Trilha”

Edição #42 – Primeiros Socorros

Link: <https://vcnatrilha.com.br/primeiros-socorros-nt42/>

Edição #48 – Dicas de Nutrição Esportiva

Link: <https://vcnatrilha.com.br/dicas-de-nutricao-esportiva-natrilha-48/>

ANEXO C

Episódios do podcast “Pelada na Net”

Edição #337 – O Cheirinho Está De Volta

Link: <http://peladananet.com.br/pelada-na-net-337-o-cheirinho-esta-de-volta/>

Edição #339 – Valeu, Árbitro de Vidro

Link: <http://peladananet.com.br/pelada-na-net-339-valeu-arbitro-de-vidro/>